

MÁRIO ANTONIO SANCHES



**O NEGRO EM CURITIBA:
A INVISIBILIDADE CULTURAL DO VISÍVEL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Mestrado em Antropologia Social, Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Cecília Solheid da Costa.

CURITIBA
1997

MÁRIO ANTONIO SANCHES

**O NEGRO EM CURITIBA:
A INVISIBILIDADE CULTURAL DO VISÍVEL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Mestrado em Antropologia Social, Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Solheid da Costa.

CURITIBA

1997

BANCA EXAMINADORA

*À minha esposa Leide,
pela participação neste trabalho.*

*Aos meus filhos Guilherme e Ana
Paula, por sua alegria e encanto.*

*Aos os meus pais Domingos e
Dolores, por sua magnanimidade.*

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi possível graças à minha participação nas pesquisas associadas ao Projeto Integrado: **Etni(-)cidade: Estudos Antropológicos de Grupos Étnicos em Curitiba**, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná durante os anos de 1993-1995. Como parte desse projeto a pesquisa foi sendo desenvolvida e parte da mesma compartilhada com os outros componentes do mesmo grupo, aos quais faço questão de demonstrar meu apreço.

Em primeiro lugar a dedicada mestra Dra. Maria Cecília Solheid da Costa coordenadora do Projeto Integrado, professora do Mestrado em Antropologia Social e que me orientou ao longo de todo o trabalho, desde a pesquisa até a elaboração desta dissertação. A ela não só a gratidão, mas também o reconhecimento de sua dedicação e competência.

Também aos colegas Maria Fernanda Maranhão Kluge, Fátima Silva Freitas, Amparo Rodrigues Teodoro, Terezinha T. Lima, Ester Cardoso Candelori, Adele Maria Brandalise e Isabel Cristina Possebom com quem tive a alegria de conviver e partilhar boa parte de minhas descobertas.

Ao coordenador do Mestrado Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna, aos professores visitantes Dra. Bela Feldman-Bianco e Dr. Roque de Barros Laraia e demais professores do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do

Paraná. Também à professora Mirian Hartung que leu essa dissertação e fez valiosas críticas e sugestões.

Eu gostaria de aproveitar este momento para agradecer também os líderes e membros das seguintes entidades: ACNAP, Consciência Negra, Baluarte Negro, SENUM, Grupo Xirê, Academia de Capoeira Muzenza, Academia de Capoeira do Mestre Sergipe, que foram contactados ao longo dessa pesquisa, acolhendo-me colaborando com prontidão. Foram exatamente essas pessoas que se tornaram os informantes nessa pesquisa.

A pesquisa que deu origem a este trabalho enfocando o Negro em Curitiba foi em grande parte facilitada por uma bolsa de Aperfeiçoamento e Pesquisa recebida da CNPq, de agosto de 1993 a julho de 1995.

SUMÁRIO.

RESUMO.....	vii
INTRODUÇÃO.....	01
PRIMEIRO CAPÍTULO: OS NEGROS NO PARANÁ.....	12
1. INVISIBILIDADE E HISTÓRIA.....	13
2. A TESE DO BRANQUEAMENTO.....	16
3. "O POLACO É O NEGRO DO PARANÁ".....	26
SEGUNDO CAPÍTULO: O "LUGAR" DO NEGRO EM CURITIBA.....	31
1. A DISCRIMINAÇÃO.....	31
2. "O NEGRO SABE SEU LUGAR".....	36
3. O RACISMO CURITIBANO.....	43
TERCEIRO CAPÍTULO: OS NEGROS NOS 300 ANOS DE CURITIBA.....	49
1. "A CIDADE DE (QUASE) TODAS AS GENTES".....	50
2. "CONVIDAR CONVIDAMOS".....	56
3. MÃE NEGRA.....	60
4. O NEGRO REVELA UMA IMAGEM DE CURITIBA	63
5. O NEGRO EM CURITIBA: FOLCLORE OU GRUPO ÉTNICO	66

QUARTO CAPÍTULO : OS NEGROS SE ORGANIZAM.....	73
1. OS MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS EM CURITIBA.....	74
2. CONCEITUANDO MOVIMENTOS SOCIAIS.....	85
3. "PAGO IMPOSTO, LOGO EXISTO".....	89
4. "NÓS, OS BRASILEIROS".....	93
QUINTO CAPÍTULO: A BUSCA DA IDENTIDADE	99
1. O NEGRO SE ESCONDE.....	99
2. O NEGRO SE ASSUME: A CONSTRUÇÃO DA VISIBILIDADE.....	102
2. 1. "Nascer enquanto negro".....	104
2. 2. "Um pequeno detalhe na roupa".....	107
2. 3. "Isso sim é coisa de negro".....	109
2. 4. Feijoadas.....	110
3. O TEMA DA COR.....	115
CONCLUSÃO.....	120
ANEXOS.....	125
BIBLIOGRAFIA.....	134

RESUMO

O Negro em Curitiba: a Invisibilidade Cultural do Visível, é um estudo que, a partir do mito da inexistência de negros em Curitiba, analisa a questão da visibilidade e da construção da identidade negra no contexto das comemorações dos 300 anos de fundação da cidade.

Durante os festejos do tricentenário, produz-se um discurso apresentando Curitiba como cidade de "primeiro mundo", "cidade européia", e no qual os diferentes grupos étnicos de origem européia são valorizados. Excluídos desse discurso que sinaliza uma "cidade de todas as gentes" os negros, principalmente aqueles que participam de movimentos sociais, procuram resgatar sua visibilidade e construir sua identidade de **negros curitibanos**.

O contexto multiétnico, destacado pelo discurso oficial, visando reforçar a idéia de Curitiba como cidade "européia" permite que se construa uma identidade contrastiva do negro curitibano como "brasileiro". Os negros se apropriando da noção de etnia denunciam, por sua vez, que a sua exclusão evidencia a exclusão de parte da população de Curitiba das políticas e do discurso oficial, exatamente a parte mais pobre da cidade.

INTRODUÇÃO

Durante os festejos dos 300 anos de fundação de Curitiba, a "cidade que deu certo"¹, que se desenrolaram ao longo de todo o ano de 1993, os diversos eventos e celebrações, que ocorreram ao redor desta data, se caracterizaram pelo fato de que diferentes grupos étnicos obtiveram destaque central e, desse modo, expressaram e marcaram a sua presença e visibilidade na sociedade curitibana.

O discurso oficial, oriundo da Prefeitura, que organizou os eventos, destaca a pluralidade étnica da população local e a harmonia entre os diferentes grupos de descendentes de imigrantes. Cidade de "primeiro mundo", a origem europeia da população, cidade "branca" são temas recorrentes neste discurso. Por outro lado notou-se a ausência do negro nas comemorações.

O recorte da pesquisa, sendo o do contexto ritual das comemorações dos 300 anos de Curitiba, implica numa percepção do ritual como um processo, como um drama, como um momento privilegiado em que fatos e relações são colocados em "close up".

DaMatta afirma que

¹ Num trabalho recente de R. Figueiredo e B. Lamounier (1996), Curitiba é apresentada como a primeira de uma lista de "cidades que dão certo" no Brasil.

tudo que é 'elevado' e colocado em foco pela dramatização ritual é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, novo, capaz de alimentar a reflexão e criatividade (DaMATTA, 1980: 30).

A dramatização dos 300 anos de Curitiba, que colocou em "close up" os grupos étnicos, permitiu acalentar a idéia da cidade como "cidade de todas as gentes" e surpreendentemente, excluindo alguns grupos, reforçou a imagem de Curitiba ligada aos imigrantes de origem européia.

Esta foi uma das conclusões do Projeto Integrado: *Etni (-)cidade: Estudos Antropológicos de Grupos Étnicos em Curitiba*, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná durante os anos de 1993-1995, do qual esse trabalho faz parte. Como afirma Maria Cecília S. da Costa:

estamos diante da reinvenção do fenômeno étnico em Curitiba. Da **(re)construção de identidade da população ancorada na busca de suas origens imigrantes** (e aqui se trata da imigração estrangeira, com exclusão de menções à imigração interna) e da **ênfase da imagem de uma cidade onde se atualiza uma concepção pluralista no que respeita às diferenças étnico-culturais**. Mas também diante do resgate da memória e das distinções étnicas em torno de símbolos, territórios, visibilidade social e reinvenção de fronteiras (COSTA, 1995:73).

Como parte desse Projeto Integrado, a minha pesquisa interessava observar a lógica e os mecanismos da exclusão dos negros. Tenho por hipótese que os negros foram colocados em evidência exatamente por terem sido excluídos. Tratar de negros no contexto dos festejos dos 300 anos implica

denunciar uma realidade antiga e nova: na cidade de "todas as gentes" não há lugar para alguns. Há que observar que Curitiba é, desde há muito, uma cidade que se entende como uma cidade sem negros.

É exatamente ao redor da "invisibilidade" do negro na cidade que se constrói esta dissertação. O modo como essa invisibilidade se dá na história, a saber, o mito da inexistência de negros em Curitiba, e o modo como ela se configura no presente - no contexto das celebrações dos 300 anos da cidade - são os eixos da minha argumentação.

O mito da inexistência de negros em Curitiba e no Paraná encontra subsídios em autores locais - embora não estejam distantes da ideologia do "branqueamento" e da tese da "democracia racial" brasileira sustentada em âmbito nacional. Quanto ao presente, a invisibilidade do negro - entendida num contexto de valorização da pluralidade étnica - poderia ser pensada como uma forma de "racismo às avessas" por valorizar o "branco".

Estatisticamente o negro está presente. Os dados do IBGE,² apresentam uma população negra e parda somando um total de 19,6% da população de Curitiba e região Metropolitana. Existem questionamentos a respeito da credibilidade dos dados estatísticos a respeito da cor (BOAVENTURA, 88:20). De qualquer modo é a presença social, não a numérica, que é relevante para esse trabalho.

Uma análise sociológica dos dados estatísticos demonstra que os negros e mulatos que representam 23% dos paranaenses, ainda recebem salários inferiores aos dos brancos, têm pouca representatividade política e dificuldade de acesso às classes sociais mais altas³. Isto não é exclusividade do Paraná, pelo contrário, demonstra apenas que a situação econômica e social do negro paranaense reflete a realidade dos negros em outras partes do Brasil.

De início procurei aproximar-me e mapear os contextos em que o negro se encontra de maneira mais visível. Assim ao longo desta pesquisa foram identificados diferentes "territórios", bem como movimentos sociais negros, existentes na cidade. Tendo em vista que um dos objetivos do Projeto Integrado, mencionado acima, era

investigar a distribuição espacial dos grupos étnicos a serem estudados através de regiões, bairros ou ruas da cidade que se caracterizem como típicos de uma determinada etnia (COSTA E FELDMAN-BIANCO, 1993).

Para Ilka Boaventura é possível falar de territórios negros como territórios étnicos que são construídos de maneira relacional com a fluidez própria dos grupos étnicos. Ou seja, o território como "um tipo de identidade social" (Cf. BOAVENTURA, 1991: 40).

Barth insiste na importância das fronteiras étnicas destacando que está referindo-se a fronteiras sociais.

² Dados retirados da PNAD - Pesquisa Nacional por amostragem de Domicílio de 1989 de Curitiba e Região Metropolitana.

³ Dados retirados de um artigo da Gazeta do Povo de 13.05.88.

As fronteiras para as quais nós devemos dar nossa atenção são sem dúvida as fronteiras sociais, embora elas possam ter seus territórios naturalmente correspondentes⁴ (BARTH, 1970 :15).

É exatamente esta territorialização social, simbólica, como "um tipo de identidade social" que percebe-se quando acontece a "territorialização" de Curitiba segundo grupos étnicos - marcados por Portais⁵ - como uma política administrativa em torno dos 300 anos da cidade. Basta lembrar alguns portais que marcam "territórios" étnicos como o Portal dos Italianos, na entrada do Bairro Santa Felicidade, ou o Portal dos Poloneses na entrada do Bosque João Paulo II, sem falar do Bosque Alemão, do Memorial Ucrâniano, no Parque Tinguí e outros (Cf. FELDMAN-BIANCO; 1993, KLUGE, 1996:40 e MOREIRA, 1994).

Ainda nas fases iniciais do levantamento de dados, entretanto, percebi a importância dos movimentos sociais na construção da identidade dos **negros curitibanos** e a partir de então, os tomei como referência e outro recorte da pesquisa. Isto porque os Movimentos Sociais Negros aglutinam pessoas de diferentes regiões da cidade reforçando, portanto, a idéia de que a "territorialização" do negro em Curitiba não é geográfica mas social e simbólica. São os movimentos sociais

⁴ Original em Inglês: "The boundaries to which we must give our attention are of course social boundaries, though they may have territorial counterparts".

⁵ Os portais em Curitiba pretendem "render homenagens às culturas e aos locais que foram representativos da formação e do desenvolvimento da cidade", ou seja eles representam "formas concretas de enaltecer e de inscrever na memória local um caráter que se crê multiétnico" (Cf: MOREIRA, 1994: 3).

que possibilitam a "visibilidade" dos negros no contexto multiétnico da cidade.

Há outras possibilidade de estudo do negro, com recortes que os localizariam em outras vertentes nacionais (religiões, etc) mas no contexto do Projeto Integrado e na especificidade de Curitiba os movimentos sociais negros tornaram-se um recorte privilegiado para falar da visibilidade do negro num contexto multiétnico e de sua identidade como **negro curitibano**.

Contactei membros de movimentos tais como **Consciência Negra**, Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (**ACNAP**), **Canaambo**, Seminário Nacional do Negro Universitário (**SENUM**), **Baluarte Negro**. Também membros de grupos musicais e de dança como **Grupo Xirê e Arte Negra**, de academias de capoeira como a **Muzenza** e a Academia do **Mestre Sergipe**, e de alguns grupos religiosos das chamadas religiões afro-brasileiras.

Durante a realização da pesquisa, de 1993 a 1995, acompanhei o cotidiano desses diversos movimentos sociais e entidades negras. Presenciei rituais, ensaios de dança e canto, reuniões, promoções para angariar fundos e apresentações de danças e músicas ao público em geral, enfim, seus maiores eventos.

O estudo foi facilitado por uma rede de interações entre pessoas e grupos, permitindo-me mapear e seleccionar informantes que foram sendo indicados por outros. Depois de

uma ampla sondagem inicial a pesquisa foi afunilando-se em direção à seleção de alguns grupos, principalmente os movimentos sociais, pelos motivos descritos acima, sendo os grupos religiosos deixados de lado.

O ponto de partida para o contato com esses "grupos" e entidades negras foi o dia 13 de Maio de 1993 em uma apresentação de "dança e música negra", promovido pelo Museu Paranaense. Deste evento participaram capoeiristas da "Academia de Capoeira Farol da Bahia", da "Academia de Capoeira do Mestre Jamaicano" que realizaram várias "rodas" de capoeira. Música e dança foram apresentadas pelo "Grupo Baluarte Negro" e pelo "Centro de Umbanda Pai Jorge de Ogum".

Neste primeiro estágio da pesquisa visitei diversos grupos e entrevistei 9 pessoas. Entre eles estavam líderes do "Baluarte Negro" no Bairro Novo Mundo[41]⁶, líderes da "Academia de Capoeira Farol da Bahia" no bairro Vila Hauer[38], o "Mestre Jamaicano" em Pinhais [Região Metropolitana de Curitiba], e o "pai Jorge de Ogum", no Bairro Centenário[21]. Através deles fui tendo acesso às informações que me levaram aos outros movimentos e entidades negras (ver mapas em anexos 1 e 3).

Isto me possibilitou descobrir uma dinâmica social entre os grupos e mapear relações entre eles. O mestre da academia "Jamaicano" está ligado à academia "Muzenza". A "Academia

⁶ O número que aparece após cada bairro corresponde ao número do bairro no mapa do Anexo 1 "Curitiba: Divisão dos Bairros".

Muzenza" está situada à Rua Marechal Deodoro, 116, uma das ruas principais do Centro de Curitiba (Ver mapa: Anexo 2). Membros formados nesta academia, chefiada pelo Mestre Burguês, fundaram academias de Capoeira em Santa Felicidade[63], como a Academia do Mestre Feijão, e em "outros bairros". Mestre Burguês se entende como continuador da "**Muzenza**", uma academia de capoeira do Rio de Janeiro, e "um dos primeiros a trazer a capoeira para Curitiba".

Por outro lado, o mestre da "**Academia Farol da Bahia**" está ligado à "**Academia do Mestre Sergipe**", situada à Rua Pedro Ivo, esquina com Barão do Rio Branco, também no Centro de Curitiba. Mestre Sergipe se entende como continuador da "verdadeira" capoeira da Bahia e também afirma ser "o primeiro a trazer a capoeira para Curitiba". Os mestres formados por ele fundaram academias na Vila Hauer[38] e Boqueirão[56], e em "outros bairros". A Academia do "**Mestre Sergipe**" disputa com a academia "**Muzenza**" a posição de ser a mais antiga da cidade ambas formaram vários mestres de capoeira que, por sua vez, fundaram academias em diversos bairros da cidade.

Nos dois casos a "veracidade", como a "legitimidade", da capoeira estão na sua relação com o Rio de Janeiro, num caso, e com a Bahia, no outro, reforçando a "brasilidade" da capoeira, e portanto do negro. Essa "brasilidade" do negro será analisada mais adiante nesta dissertação, no final do quarto capítulo.

Por meio do "**Pai Jorge de Ogum**" cheguei a outros centros umbandistas e candoblecistas como o "**Centro de Umbanda do Caboclo Girassol**", em São José dos Pinhais [Região Metropolitana de Curitiba], onde tive a oportunidade de realizar entrevistas e filmagem.

Através das reuniões com o "**Grupo Baluarte Negro**", fui informado da existência da "**ACNAP**" e do "**Grupo Consciência Negra**". A partir de uma Feijoada realizada pelo "**Consciência Negra**", no Bairro Alto[36], pude conhecer vários de seus membros, que vieram a ser meus informantes.

Com a "**ACNAP**" eu tive ainda um envolvimento maior, pois além de realizar entrevistas com um grande número de seus membros, de participar de reuniões realizadas, na UPT⁷, no Salão da Paróquia Bom Jesus, na sede de sindicatos, como o Sindicato dos Professores, no centro da cidade[1], ou o Sindicato dos Petroquímicos na Vila Guáira[26], realizei visitas aos seus "*grupos de base*" do Xapinhall[65] e de Pinhais, participei de seus ensaios e feijoadas, assisti suas apresentações de música e dança como na "*Quizomba*" realizada em Pinhais no dia 13 de Maio de 1995. Também assisti à uma apresentação que ocorreu na "Casa da Arte", no Centro da

⁷ As reuniões da ACNAP são periodicamente realizadas todas as quintas-feiras à noite no Salão da Igreja Bom Jesus, na Praça Rui Barbosa, no Centro da Cidade. Ocasionalmente realiza reuniões ou outras atividades em outros locais, quando envolve pessoas diferentes, ou quando são realizadas em datas especiais. O Sindicato dos Professores está situado à Praça Osório no Centro da Cidade e o Sindicato dos Petroquímicos está situado na Vila

Cidade, no dia 13 de Maio de 1994. Como esta congregava outros grupos de "musica e dança negra", foi a partir dessas apresentações que cheguei ao contato com o "Arte Negra" e o "Grupo Xirê.

Num segundo momento de pesquisa 19 pessoas foram entrevistadas: nas casas dos informantes, em seus locais de trabalho ou por ocasião de reuniões ou eventos. A técnica utilizada foi de entrevistas abertas e em profundidade, muitas vezes com o uso do gravador. O roteiro temático seguido incluía a história do grupo no qual o informante participava, sua função e atuação no mesmo, a participação nas comemorações dos 300 anos de Curitiba e o modo como a cidade era representada.

Essa dissertação foi desenvolvida em 5 capítulos. No primeiro capítulo são abordados os **elementos históricos** relevantes que envolvem o tema do negro em Curitiba, no Paraná e no Brasil. O segundo capítulo trata da **discriminação**, do racismo e do "lugar" do negro na sociedade. No terceiro capítulo analiso o tema central do trabalho que corresponde ao da **invisibilidade dos negros nos festejos dos 300 anos de Curitiba**. Os dois últimos capítulos, por sua vez, tratam do modo **como os negros se posicionam** frente a todos esses temas: o quarto capítulo aborda **os movimentos sociais**

Guaira, um bairro não muito distante do Centro. A UPT - Universidade Popular do Trabalho, está situada no bairro Tarumã.

negros em Curitiba e o quinto mostra o esforço e o modo como se dá a **busca da identidade** negra neste contexto.

PRIMEIRO CAPÍTULO: OS NEGROS NO PARANÁ.

Neste capítulo analiso a posição do negro no Paraná considerando tanto a história quanto a realidade do cotidiano segundo os representantes da população de cor.

Tomo como ponto de partida e contraste as visões a respeito do negro no Paraná, representadas nas teses de alguns paranistas⁸ conhecidos - como MARTINS (1989) - e também identificadas em estudos como os de IANNI (1978). Partilhadas ainda hoje por lideranças políticas locais, essas teses têm significativa repercussão na sociedade curitibana. Nelas parece-me possível apreender elementos para discutir a invisibilidade do negro, algo que, até o momento, carece de uma abordagem analítica adequada.

No caso concreto desta pesquisa sobre negros em Curitiba foi constatada sua "invisibilidade" cultural. Esta "invisibilidade" será analisada em torno de vários temas aqui adiantados: a) o negro é ignorado na história; b) o discurso que coloca o negro como ausente hoje; c) a discriminação que o negro sofre em Curitiba, e o lugar que ele ocupa; d) e a manutenção do mito da não existência de negros na cidade.

⁸ Paranistas são estudiosos versados em temas ligados ao Estado do Paraná, como sua cultura e história.

1. INVISIBILIDADE E HISTÓRIA.

"O olho que vê é o órgão da tradição"

(BOAS)

A frase acima está se referindo ao fato de que o olhar das pessoas é sempre influenciado pela cultura, ou seja, pela sociedade dentro de um determinado contexto cultural.

Sahlins afirma que

por um lado as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural.[...] Por outro lado sabe-se que os homens criativamente repensam seus esquemas culturais (SAHLINS,1990:7).

Essa dinâmica de dar sentido às coisas a partir de "compreensões preexistentes" e ao mesmo tempo repensá-las criativamente está afirmando que nosso olhar não é neutro, que pelo contrário olhamos para as coisas a partir de um sentido e na busca de sentido.

Como o olhar é marcado pela cultura ele vai destacar alguns pontos e condenar outros à "invisibilidade". Por isso estudar a "invisibilidade" é olhar para o que foi deixado de lado numa sociedade e perguntar as razões disso. É tentar descobrir as razões e o modo como uma determinada sociedade considera desinteressante ou menos importante alguns setores ou aspectos desta mesma sociedade. Estudar o invisível é tentar descobrir o modo como se olha, é apontar os interesses de quem olha, e estar atento a que tipo de classificação os elementos da sociedade estão sendo submetidos. Estudar a

"invisibilidade" é desvendar os elementos ideológicos do modo de olhar.

Como o primeiro ponto da invisibilidade do negro é a invisibilidade história é importante perceber que a própria história também é marcada pelo "olho" ideológico.

A vida humana é de tal maneira intensa que é impossível descrever tudo o que ocorre em âmbito individual, familiar, comunitário, nacional... Por isso o que é recuperado pelo historiador dará destaque sempre a alguns fatos ou realidades consideradas importantes para este historiador, dentro de uma abordagem teórica, ou para o grupo social a qual pertence. Alguns fatos poderão ser supervalorizados, outros deixados no esquecimento ou considerados irrelevantes.

Realmente se toda a sociedade pudesse se lembrar de tudo o que ocorreu no seu meio do mesmo modo, com a mesma intensidade e riqueza de detalhes, não haveria para ela um tempo significativo. O significado só aparece como um jogo complexo entre o esquecido e o permanentemente recordado - aquilo que, por isso mesmo, está sempre presente (DaMATTA 1987:125).

Escolher o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido é o jogo da história. Os líderes dos vencedores serão lembrados e os líderes dos vencidos tendem a cair no esquecimento, desde que a sociedade em questão se sinta guardiã da herança dos que venceram no passado. Caso aquela sociedade se sinta herdeira dos ideais e valores dos que foram vencidos num determinado período do passado, aí a situação muda. E heróis do passado se tornam vilões e os

vencidos do passado são transformados em mártires e modelos. Ou seja, é a partir dos valores do presente que uma sociedade define o que deve ser "esquecido" ou que deve ser "lembrado". É neste "jogo" de valores que a história se define.

Assim o passado, relido a partir do presente, surge como um passado significativo para o presente. De fato

a história consiste essencialmente em ver o passado através dos olhos do presente e à luz de seus problemas..(DaMATTA, 1980:40).

Esta afirmação poderia ainda ser mostrada de maneira mais clara:

também na perspectiva histórica existe um ponto de vista escolhido arbitrariamente pelo historiador (DaMATTA, 1987:120).

É o que se percebe quando se analisa o tratamento dado ao negro na História do Paraná, e em Curitiba. História que, ao ser narrada por diferentes autores, traz muitos pontos de conflitos e contradições, que, entretanto, ao excluir das teses ou ignorar os negros fornecem explicações para a sua "invisibilidade" atual. Assim a invisibilidade "histórica" deve ser apontada, como primeiro ponto do mito da não-existência de negros nessa cidade.

Estudiosos da década de 1950 (IANNI, 1960) já registraram uma tendência da população em não reconhecer a existência de negros na cidade de Curitiba e no Estado do Paraná.

Esse mito foi amplamente registrado e legitimado por paranistas como Wilson Martins que quando aborda o tema do

negro em seu livro "Um Brasil diferente", usa o título: "Não houve escravidão no Paraná" (MARTINS, 1989:127). Este autor, apesar de ter dados estatísticos inegáveis - quando afirma que em 1853 quase 40% da população era composta de mulatos, negros e pretos (IDEM, p.130) - está sempre desvalorizando a presença do negro na história do Paraná.

Observa-se que ele cita exatamente trechos que deixam o negro de lado, como em um discurso de Trajano Reis que, em 1894, afirmava:

A bela raça paranaense, que está se formando com o cruzamento do anglo-saxão, do latino, do eslavo, inteligente, viçosa, empreendedora... (MARTINS, 1989: 135),

não incluindo, deste modo, o negro na formação desta "bela raça".

2.A TESE DO BRANQUEAMENTO.

Para estudar a problemática do negro no Brasil é necessário recorrer um pouco à história do processo de interação entre diferentes povos na formação da população brasileira, principalmente no modo como os dominadores, (europeus, brancos) definiram a si próprios e os outros (negros e índios) neste processo.

É claro que esta interação de diferentes povos na sociedade brasileira em formação é complexa e os autores que estudaram e estudam o assunto divergem entre si em vários aspectos. Mas, apesar das diferenças entre si, vários autores

atuais (DaMATTA, 1987, SEYFERTH, 1995, LARAIA, 1986 e outros), concordam que, a partir do final do século passado, elaborou-se um quadro interpretativo marcado pela ideologia branca dominante, que pretendia reconhecer, explicar e orientar toda a questão das relações entre diferentes povos no Brasil. Este quadro teórico alcançou sua máxima elaboração na teoria que ficou conhecida como "tese do branqueamento".

No final do século XIX, apoiados em pressupostos deterministas e evolucionistas, de que cada nação ocupa um certo lugar na história da humanidade, muitos intelectuais europeus, seguidos por brasileiros, partilhavam de uma visão extremamente negativa do Brasil. Vários darwinistas sociais⁹ eram muito cotados no Brasil devido as suas teorias sobre a inferioridade negra, a degeneração mulata e a decadência tropical, conforme são citados no trabalho de SCHWARCZ:

Gobineau concluía na época que a corrupção no sangue negro levaria sem dúvida alguma à decadência dos povos mestiços. Lapouge, por seu turno, acreditava que o Brasil se constituiria, num século, num imenso 'Estado negro' que retornaria indubitavelmente à barbárie. De acordo com esses intelectuais a 'promiscuidade' que ocorrera em épocas coloniais produziria elementos degenerados, instáveis e portanto incapazes de acompanhar um desenvolvimento progressivo (SCHWARCZ, 1987:23).

⁹ Darwinismo social - Teoria de evolução baseada na analogia com as ciências, substituindo os organismos vivos pelos grupos sociais em conflito. Entre os seus defensores encontrava-se George Vacher Lapouge que tinha uma visão pessimista sobre o Brasil, referindo-se ao país como uma imensa nação negra em regressão para a barbárie" (Cf. CARNEIRO, 94:22).

Esses autores simplesmente não acreditavam na viabilidade da sociedade brasileira e pintavam o futuro do Brasil de maneira bastante sombria.

Por outro lado vários autores brasileiros¹⁰, sem abandonar os pressupostos deterministas, mas tentando construir uma visão mais otimista do futuro, elaboraram a tese do branqueamento da população brasileira. Eles acreditavam

na desigualdade das raças humanas, na incapacidade do negro se civilizar, na inferioridade genética das raças não brancas e principalmente acreditavam numa seleção natural e social que conduziriam a um povo brasileiro mais branco num futuro não muito remoto (SEYFERTH, 1985:81).

Eles mantinham os mesmos preconceitos a respeito dos negros e dos mestiços, mas acreditavam num futuro altivo para o Brasil exatamente porque negros e mestiços desapareceriam. Era uma

¹⁰ Sílvio Romero, em seu trabalho entongráfico (1888) analisa a formação de uma sub-raça no Brasil, resultante da união da raça branca com as demais, que acabariam por desaparecer por um processo de seleção natural. Prevaleceria a raça pura, fortalecida pela imigração européia, compensando a degeneração provocada pelo clima e pelos negros.

Nina Rodrigues - professor de Medicina Legal na Bahia, considera os negros e os índios como raças inferiores. Diz que os mestiços, por terem mentalidade infantil, não poderiam receber no código penal o mesmo tratamento que os brancos.

Euclides da Cunha - Autor de "Os Sertões" (1902), interpreta a história a partir do determinismo do meio e da raça. Subordina a evolução cultural de um povo à evolução étnica, considerando a mestiçagem prejudicial. Os mestiços são vistos como retrógrados, raquíticos e neurastênicos, incapazes de concorrer para o progresso brasileiro. Euclides os diferencia dos sertanejos, homens da caatinga, de raça forte.

Francisco José de Oliveira Vianna - Adepto do arianismo, dividia a sociedade em raças superiores e inferiores. Considerava o sangue branco mais puro e dizia que o destino dos arianos seria sempre dominar outras raças. Entendia por isso que a aristocracia era a melhor expressão da superioridade ariana. Para ele a

tentativa de achar uma solução para o "problema" da mestiçagem sem abandonar os pressupostos racistas. Pois, de fato, os mestiços só apareciam como problema dentro desses pressupostos racistas.

Para combater os malefícios da inferioridade biológica, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna apontavam a senda salvadora do 'embranquecimento'. Ramos combate os efeitos da inferioridade cultural com uma fantasiosa 'verdadeira cultura' (LARAIA, 1986: 162).

Giralda Seyferth analisa alguns escritos de João Batista de Lacerda, que em 1911 representou o Brasil no Primeiro Congresso Universal das Raças, em Londres. Este autor afirma que num prazo de pouco mais de cem anos após a abolição da escravatura no Brasil os brancos seriam 80% da população, os mestiços 3%, os índios 17% e os negros teriam desaparecido (C.f. SEYFERTH, 1985:81).

Negros e mestiços desaparecendo teriam prestado um serviço à nação brasileira, tendo servido de ponte entre a causa nacional e as populações européias que teriam se nacionalizado nesta mistura.

O ideário do branqueamento afirmava a inferioridade irremediável de grande parte da população nacional (negros, índios e mestiços de todos os matizes), mas imaginava que esta mesma população poderia transformar em brasileiros/latinos aqueles brancos 'superiores' encarregados de fazê-la 'desaparecer' fenotipicamente (SEYFERTH, 1995: 181).

mestiçagem era a causa da decadência da raça pura. Via os mulatos, mamelucos e cafuzos como ralé (Cf. CARNEIRO, 1994:27).

Essas teorias racistas, pretensamente científicas, manipulavam os conceitos de raça, civilização, etnia e cultura para legitimar a dominação de uma raça ou nação sobre outras. Aqui se tem a mesma confusão que aparece na construção do conceito de raça:

Com o racismo deslocamos a ênfase e a realidade: situamos na biologia e na raça, relações que eram puramente políticas e econômicas (DaMATTA, 1987:83).

Assim a idéia da raça teria servido no Brasil aos interesses de uma classe dominante, na sua grande maioria de origem européia. Muitos mulatos, no entanto, pertencentes à classe dominante, também defenderam as idéias racistas.

O discurso da época, sobre a inferioridade e superioridade das raças tinha ligação direta com a biologia e se pretendia científico. Mas, hoje se percebe que eram idéias construídas a partir de uma trama social, desligada da biologia, longe da versão científica, e a partir da ideologia do branco. Assim

quem inventa o negro do branco é o branco. E é esse negro que o branco procurou incutir no outro. Quem transforma o índio em enigma é o branco. Nos dois casos, o branco é o burguês que encara todos os outros como desafios a serem desfeitos, exorcizados, subordinados (IANNI, 1987:343).

Desvencilhando-se das teorias racistas e evolucionistas, muitos autores, a partir da década de 30, tem se dedicado ao estudo a respeito da posição do negro na sociedade pós-abolição buscando explicações para a sua posição discriminada na sociedade atual. Um trabalho de Roque Laraia, 1986, resume

as três posições mais comuns que os autores acabaram assumindo frente à esta questão:

Os trabalhos de Freire e de Pierson caracterizam a primeira das posições acadêmicas sobre o assunto: aquela que atribui às diferenças de classe e das tensões sociais o problema do negro. A segunda posição seria aquela que, mesmo admitindo a existência do preconceito, alega que o critério de cor é irrelevante para a definição dos diversos grupos sociais[...] A terceira posição representa principalmente os resultado de grande parte das pesquisas financiadas pela UNESCO, na década de 1950... Todos esses trabalhos realizados no Sul do Brasil tem algo em comum: a admissão da existência do preconceito (LARAIA, 1986: 165).

A primeira posição aponta para a ambígua colocação do negro em nossa sociedade, aliás bem percebida por autores atuais, os quais afirmam que

[...]o grande momento em que o estudioso para, um pouco desorientado, é quando ele enfrenta o problema de saber se o negro está sendo classificado dentro de uma sociedade de classe ou dentro de uma dimensão étnica e racial (PEREIRA, 1989).

Deste modo ao lado da Tese do Branqueamento foi se formando o mito da Democracia Racial como o contrapé da ideologia dominante.

O governo republicano mandou queimar a documentação sobre a escravidão e excluiu do recenseamento de 1900 a pergunta sobre a cor das pessoas.

Desta forma, o branco, o amarelo, o mulato, o negro, o índio, o cafuzo, e o mameluco podem considerar-se iguais. Isso quem diz é o branco que está na posição

política, econômica e acadêmica de instituir verdades de ocasião (IANNI,1987:111).

Também em 1920 e em, 1970 são excluídas as perguntas sobre a cor das pessoas nos recenseamentos. "Suprimir os dados é um modo de suprimir os fatos" (IDEM: 111). Assim nosso país se torna o berço da "democracia racial", onde todas as raças e todos os povos são considerados iguais.

Os autores que reconhecem o preconceito racial no Brasil apontam para as causas históricas e sociais da discriminação dos negros, e vão assim denunciando a ideologia dominante que está por trás da "Tese do Branqueamento" e da "Democracia Racial".

Com o fim da escravidão, no final do século passado, o escravo é metamorfoseado em negro e o patrão em branco (Cf. IANNI, 1988:208), e a raça se torna em elemento importante para a montagem do esquema ideológico da classe dominante: os negros continuarão compondo as classes baixas da sociedade porque são negros (entendia-se membros de uma raça inferior), pois, mesmo com a liberdade, eles não conseguiam a ascensão social. Joga-se para a natureza, para o conceito de raça, as explicações que deveriam ser buscadas na sociedade. Pois o que inibiu a ascensão social do negro foi o projeto da elite branca de um país para brancos.

Ainda no período da monarquia, brancos migrantes recém-chegados ao país, recebiam terras a que os negros, já presentes no Brasil há mais de três séculos, não tinham direito.

A imigração estrangeira fora facilitada por um decreto de D. João VI, que permitia a estrangeiros o acesso à terra no Brasil (SANTOS, 1994:10).

Com a entrada da República intensificou-se o incentivo às migrações européias. Queria-se fazer deste país um país de brancos, e o passado "negro" deveria ser deixado para trás.

Muitos afirmam que a migração européia para o Brasil teria sido para resolver o problema de mão de obra da grande lavoura. Outros no entanto contestam e afirmam que a falta da mão-de-obra era um mito e denunciam também que a tese de que os negros libertos não se adaptavam ao trabalho livre está baseada na crença discriminatória dos negros, ou seja, na superioridade do trabalhador europeu (Cf. SANTOS, 1994:27).

Na verdade a participação da mão-de-obra dos negros no crescente contexto industrial brasileiro fora negada enquanto o governo e as classes dominantes estimularam e subsidiaram a imigração branca européia, que, além de preencher as necessidade de mão-de-obra, atendia simultaneamente à política explícita de embranquecer a população (SANTOS, 1994:28).

Aqui tem-se a contradição: a manutenção das idéias de superioridade da raça branca na prática, e a propaganda das idéias de um país onde existe a igualdade racial. Esses são os dois lados do racismo à brasileira.

O ideal do "branqueamento" e o mito da "democracia racial" brasileira são muito claramente os produtos intelectuais das elites dominantes brancas. Estes conceitos destinam-se a socializar a totalidade da população (brancos e negros igualmente), e evitar

áreas potenciais de conflito social (HASENBALG 1979:238).

Queimando os arquivos sobre a escravidão e se esquivando de indagar sobre a cor, o governo dificultou também o conhecimento da realidade do negro em nosso país. O que não é conhecido, ou cujos dados não entram nas estatísticas oficiais é algo sem valor, secundário, ou não existe como fato. Assim, desde o começo de nossa república, pela ação das elites e governos brancos, o negro começa a ser reduzido à invisibilidade.

Estes dois componentes da ideologia branca dominante, a "Tese do Branqueamento" e a "Democracia Racial", revelaram aspectos interessantes da invisibilidade do negro, tema central dessa dissertação. Como fisicamente o negro é visível, tentam fazê-lo invisível estatística e culturalmente.

A "Democracia Racial" torna o negro invisível ao construir um referencial ambíguo de sua posição na sociedade.

Em todas as épocas e diferentes situações subsiste o dilema: raça, população ou povo... raça ou classe social (IANNI, 88:344). Ou bem os brasileiros negros e mulatos tem sido vistos como desfrutando desde longa data uma integração na 'democracia racial' do país, ou bem seu destino tem sido vagamente vinculado ao dos setores populares (HASENBALG, 79:20).

Deste modo a classe dominante branca pôde manipular os fatos conforme os seus interesses, ora usando o conceito de raça para justificar o atraso social do negro, ora apelando para o conceito de classe para negar a existência de

discriminação racial na sociedade brasileira, alegando que os negros são discriminados por serem pobres.

A "Tese do Branqueamento" constrói a invisibilidade do negro ao fazer uma projeção do desaparecimento real dos negros no Brasil, e pressupõe assim uma invisibilidade futura pelo desaparecimento das "marcas" de cor.

Também no Paraná o "negro tende a desaparecer", pelo "pequeno número" e "pelas cruzas e recruzas com o Branco" (MARTINS, 1989,133). Percebe-se que estas afirmações estão de acordo com as teorias e as crenças típicas da "tese do branqueamento". Ou seja, os mesmos elementos presentes na ideologia nacional do branqueamento estão presentes nos autores que constróem e reafirmam o mito da ausência de negro no Paraná. Para eles o negro curitibano "tende a desaparecer". E essa afirmação identifica um ponto muito importante deste trabalho, a de que **as teses racistas** e o projeto do "branqueamento" presente em todo o Brasil **foi levado no Paraná**, e de modo particular na sua capital **Curitiba**, a um **certo extremo**: atualizado no senso comum e no discurso oficial, e vivenciado nas celebrações dos 300 anos da cidade.

3. "O POLACO É O NEGRO DO PARANÁ"

"Aqui não há negros. O negro do Paraná é o polaco"

(IANNI, 1960:325).

Essa frase acima, recolhida por Ianni em suas pesquisas a respeito dos negros no Paraná, aponta para duas questões diferentes, mas correlatas: o mito da ausência do negro neste Estado e a discriminação que os polacos sofreram ao longo da história de seu estabelecimento no Paraná.

Quanto ao "polaco", diga-se de passagem, um trabalho recente¹¹ mostrou que nas últimas décadas ele tem deixado de ser discriminado pela sociedade paranaense e principalmente curitibana. Hoje poderia se dizer que o "polaco" já não é mais o negro do Paraná.

Diante do tema da ausência do negro, alguém poderia se perguntar, mas afinal, no passado, havia negros em Curitiba e no Paraná?

Faz-se necessário lembrar que o Paraná, como também outras partes do Brasil passou por diferentes ciclos econômicos e ondas de povoamento. Os mais antigos povoamentos do Estado tiveram lugar no litoral, no Planalto Curitibano e nos Campos Gerais. Essa população

baseada nos latifúndios campeiros da criação de gado, nos engenhos de beneficiar erva-mate, nas serrarias de pinheiros, formou a sociedade paranaense tradicional

¹¹ O trabalho de Maria Cecília S. da Costa "EL VIOLINO QUE SOLO TOCABA EM POLACO", 1995, detecta o processo de ascensão dos descendentes dos migrantes poloneses em Curitiba.

que criou o sistema da Província monárquica e do Estado republicano (WESTPHALEN et alli, 1968:2).

De um certo modo, os imigrantes estrangeiros que chegaram no século XIX, fazem parte desta onda de ocupação e povoamento do Paraná.

A partir do final do Século XIX uma nova onda colonizadora se inicia, oriunda de São Paulo, que ocupa o Norte do Paraná com o objetivo predominante de cultivar o café. E já na década de 1930 se inicia a chegada de famílias rio-grandenses que avançam ocupando o Sudoeste paranaense, com uma agricultura de subsistência, plantação de cereais e suinocultura. De modo que na década de 1960, todo o Estado está com seu território ocupado.

Cada uma dessas três ondas criou o seu próprio tipo de economia, formou um tipo de sociedade e fundou as suas próprias cidades (IDEM: 8).

Na primeira onda migratória, que formou o "Paraná tradicional" é inegável a presença de negros. Vários trabalhos de pesquisa mostram a ampla presença de negros ao longo da história do Estado e de sua capital. Por exemplo, Chaff registra que já em 1798 existia uma população de escravos de 647 indivíduos para uma população livre de 3.283 em Curitiba (CHAFF, 1974:56).

Para elucidar mais claramente esse ponto trago alguns dados adiantados por Octávio Ianni¹² sobre a formação das classes sociais no Paraná. O autor afirma que

a sociedade constituída em Nossa Senhora da Luz de Curitiba, a partir de 1654, é uma sociedade escravocrata fundada na utilização do trabalho de índios e africanos ou seus descendentes e mestiços (IANNI, 1988:22).

Desse modo ele demonstra que a sociedade curitibana não fugia aos padrões vigentes na sociedade colonial brasileira.

E mesmo que o Paraná não se caracterizasse como um dos mais importantes estados escravistas do Brasil a presença de escravos aqui era bastante grande pois

em fins do século XVIII... a população apresentava uma estrutura nitidamente marcada pelo regime de trabalho predominante... os negros e os mulatos se tornavam numerosos... na região do planalto, cuja vila principal é Curitiba, eles alcançam 34% do total dos habitantes (IANNI, 1988:30).

E ainda, "em 1854 a população curitibana reunia cerca de 30% de negros e mulatos" (IDEM: 82).

É evidente que com a chegada dos migrantes europeus a presença percentual dos negros em relação ao total da população diminuiu, mas chega-se ao final do século passado

¹²Octávio Ianni em suas obras "Raças e Classes Sociais no Brasil" (1978) e "Metamorfose do Escravo" (1988) apresenta os resultados de suas pesquisas realizadas a respeito de esse assunto no Paraná e particularmente em Curitiba. O trabalho de Ianni está inserido num projeto mais amplo de pesquisa no Sul do Brasil, financiada pela UNESCO na década de 1950, dos quais participaram Fernando Henrique Cardoso e Florestan Fernandes entre outros (Cf. LARAIA, 1986:166).

com dados relevantes: Em Curitiba em 1872, 25% da população é mulata ao passo que 10% é negra (Cf. IBIDEM:95).

Para indicar outro estudioso sobre esse tema trago aqui parte de uma reportagem publicada em um periódico curitibano¹³ que dizia que o Prof. Carlos Roberto Antunes dos Santos, com sua tese de doutorado "Nem Loiro nem Diferente: o Paraná Provincial Escravista", 1977, contradiz as teses do "Paraná diferente" ou de um "Paraná Loiro"

que procuraram escamotear a importância do sistema escravista no Paraná, e que na verdade tais concepções podem ser confundidas como uma espécie de sonho de branqueamento de certas elites intelectuais paranaenses (Cf.GAZETA DO POVO, 13/05/1988).

Os números apresentados acima afirmam a presença de negros no Estado. No entanto, não são os dados estatísticos que contam, mas o discurso que escamoteia qualquer dado objetivo negando a presença de negros na história. Esta ausência de negros se torna um mito, construído pela sociedade paranaense e particularmente Curitibana.

Essa invisibilidade histórica do negro, curiosamente, se move no sentido inverso da tese do branqueamento da sociedade brasileira. Os autores da tese do branqueamento pretendiam o **desaparecimento futuro** do negro, com suas projeções racistas. Os paranistas, com suas constatações igualmente marcadas pelo

¹³ "O Estudo do Prof. Carlos Roberto objetiva desmistificar velhas e sagradas concepções de 'Um Paraná diferente' ou 'um Paraná Loiro' que procuraram escamotear a importância do sistema escravista no Paraná, e que na verdade tais concepções podem ser confundidas como uma espécie de sonho de branqueamento de certas elites intelectuais paranaenses" (GAZETA DO POVO, 13/05/1988).

preconceito, pretendem a **negação da presença** dos negros **já no passado.**

SEGUNDO CAPÍTULO: O "LUGAR" DO NEGRO EM CURITIBA

1. A DISCRIMINAÇÃO

Evidentemente que a situação do negro no Paraná, como também em Curitiba, está inserida no contexto nacional. Não quero afirmar, portanto, que a discriminação do negro ocorre apenas em Curitiba, mas pretendo documentá-la e tentar apontar sua especificidade.

Pode-se afirmar que a negação "histórica" da presença do negro indica preconceitos arraigados e a discriminação. No entanto se essa discriminação é identificada teoricamente, também o é na prática. Se tem suas marcas históricas, no passado, também traz suas marcas no cotidiano e no presente da cidade de Curitiba.

A "invisibilidade" do negro corresponde, especificamente, ao modo como a discriminação é percebida e vivida pelos negros no cotidiano na cidade.

A discriminação do negro é evidentemente ligada ao fato da cor, e como isto está ligado à questão "racial", a discriminação percebida e sofrida pelo negro é também entendida como "racismo".

"Aqui em Curitiba a discriminação é mais camuflada, mas existe em todos os níveis. Em outros lugares o racismo é desmascarado mesmo, aqui ele é camuflado, é para sentir, deixa marca psicológica. A presença do

negro é estigmatizada, mas não falada" (ZENIRA, Consciência Negra).

Em Curitiba o racismo é negado como a presença do negro é negada. Trata-se de um "racismo às avessas" onde o que ocorre é a afirmação da cor branca.

Se em Curitiba não residissem negros, não poderia haver racismo também. E como o negro desaparece na invisibilidade, o racismo também assume formas mais sutis. Conseqüentemente, pode-se falar da invisibilidade do racismo, como "*para ser vivido*" mas "*não para ser falado*". Ou seja, há negros na cidade, mas os mesmos não encontram lugar nem no discurso oficial, nem na concepção dos cidadãos no cotidiano.

Nos momentos que os negros vão reivindicar alguma coisa para si ou para sua causa é que o racismo vivido, mas não falado, aparece com força e clareza. É aí que, segundo a presidenta do grupo "**Consciência Negra**", os negros sentem que "*as coisas não são claras*". Quando eles vão reivindicar alguma coisa as pessoas encarregadas de dar a resposta "*dão volta, dão volta*" e nunca falam abertamente. O que se reivindicava aqui era justamente a "*representatividade dos negros nos eventos oficiais*" que comemoravam o tricentenário da cidade.

A mesma coisa é sentida relativamente ao mercado de trabalho pois

"se tem quatro pessoas, e um é negro, disputando três vagas, será o negro que continuará desempregado, mas não falam o porque" (ROBERTO, ACNAP).

Em relação ao mundo do trabalho, uma pesquisa feita sobre a situação dos negros na CIC (Cidade Industrial de Curitiba), por um líder da **ACNAP** que também trabalha num sindicato, revela que

"a maioria dos negros estavam na área serviçal¹⁴, poucos negros estavam no setor produtivo, na chefia mesmo não havia negros" (JAIR, ACNAP).

Este tipo de racismo também é percebido pelos negros sendo atualizado nos meios de comunicação. Por exemplo nos comerciais de TV.

"Mesmo nos comerciais, como no 'Projeto Água Limpa'¹⁵ é feita a propaganda por uma loira, loiríssima. Eu sinto que é aí que está o racismo velado: para o Projeto Água Limpa uma loira, quer dizer que se fosse uma negra...(silêncio emocionado). Então é para a gente imaginar o que é racismo velado, o que é pretensão e o que é realmente desmascaramento das coisas".

"Em tudo o que é propaganda bonita, não tem a presença do negro, mas quando a televisão passa doença, enchentes,... como vivem os pobres, as favelas, aí aparece maciçamente a presença dos negros. E realmente eles estão lá. Mas se fosse uma coisa rica, para elitizar, eles também esconderiam este negro" (ZENIRA, Consciência Negra).

¹⁴ Para o informante, neste caso, "área serviçal" se referia aos setores de limpeza, manutenção e outros setores auxiliares como carregadores. Setores que demandam "menos conhecimento técnico".

¹⁵ Propaganda realizada pela Sanepar (Companhia de Água e Saneamento do Paraná) falando dos investimentos do Governo do Estado em água encanada, veiculada na televisão no ano de 1993.

Quanto ao fato de propagandas na televisão que deixam transparecer a discriminação do negro, ou mesmo que lançam mão desse recurso, não é algo exclusivamente paranaense ou curitibano, mas ocorre em larga escala nas redes nacionais de televisão¹⁶.

Têm sido registrados alguns casos concretos em que a discriminação sofrida por negros em Curitiba, nos últimos anos, se tornou caso de processo jurídico e vazou para a imprensa local e nacional. Os casos citados aqui foram relatados por líderes da ACNAP que têm ampla documentação sobre os fatos.

Um dos casos se deu nas Lojas Pernambucanas, no centro da cidade, com uma mulher negra, casada com um homem branco, oriunda do Rio de Janeiro, recém chegada em Curitiba. Ela fora fazer compras acompanhada da filha adolescente, de "cor clara". A atendente na loja se dirigia à filha usando o tratamento de "senhora", ignorando a mãe que era quem de fato estava fazendo compras. A mãe reclamou a atenção e então a atendente passou a se dirigir a ela usando o tratamento "você". Este foi o fato inicial, e a mulher, se sentindo ofendida, foi falar com o gerente que a destratou ainda mais.

Num outro caso, um homem negro estava saindo das Lojas Arapuã, também no centro de Curitiba, com um brinquedo devidamente empacotado, e o segurança da loja o barrou para

¹⁶ Uma nova revista "RAÇA", voltada para a população negra, surgiu ultimamente no Brasil e tem tido sucesso, porque veicula as imagens de negro da classe média.

verificar o conteúdo do pacote. O homem mostrou a nota fiscal, mas mesmo assim o segurança o forçou a abrir o pacote para averiguar o conteúdo.

Cada um desses fatos deu origem a um processo na justiça, mas, segundo os mesmos informantes, esses processos não chegaram à fase de julgamento, porque os próprios denunciantes acabaram abandonando ou retirando a queixa. Os motivos de retirada da queixa são o desgaste pessoal a que eles foram submetidos e a perda de esperança de que o caso viesse reverter a situação de discriminação a que seus cidadãos negros são frequentemente submetidos.

Resta certo desânimo por parte dos participantes dos movimentos negros quando se trata da luta contra a discriminação, a tal ponto que um dos seus líderes desabafou:

"a discriminação em Curitiba é muito forte e mascarada, mas nós não conseguimos dar conta" (VERA, ACNAP).

Não consegue-se "dar conta" exatamente por ser uma discriminação velada.

É possível dizer que a invisibilidade do negro no cotidiano resulta de uma forma particular de preconceito, conduzindo ao não reconhecimento social desta categoria, embora defina o seu "lugar". No entanto, entendo que tal invisibilidade está referida também ao racismo. Racismo por sua vez "invisível" porque é difuso, fluido, velado, não falado e às avessas. Mas é **racismo de fato** pois casos

concretos o qualificam como forte, presente e/ou latente na realidade cotidiana de Curitiba.

2. "O NEGRO SABE SEU LUGAR".

Já foi dito que o negro no Brasil não cria problema porque aqui **ele sabe o seu lugar**. Esta frase referenda a discriminação secular vivida pelos negros que sujeitaram-se a ocupar os últimos lugares na sociedade brasileira organizada hierarquicamente (Cf. DaMATTA, 1987:76).

Muitos líderes de movimentos negros em Curitiba quando se referem ao mito da não existência de negros na cidade deixam bem claro a sua opinião de que se um visitante caminhasse pelo centro ele iria realmente encontrar poucos negros,

"pois para visualizar o negro é preciso ir para a periferia" (ANTONIO, ACNAP).

Este tema de que o *"lugar do negro em Curitiba é a periferia da cidade"* é recorrente ao longo das entrevistas realizadas e é como categoria nativa que o termo é usado aqui.

Estudos a respeito do espaço urbano curitibano (COSTA, 1996) apontam que o termo "periferia" em Curitiba é pouco usado, sendo um termo "importado", adequado a outras cidades, remetendo como categoria de apropriação social do espaço em cidades como São Paulo. O termo não é de uso recorrente quando se trata da localização dos grupos étnicos em Curitiba. O termo que historicamente desenvolveria uma

relação centro/ periferia, seria colônia/bairro, ou centro/arrabalde. Pois a formação da cidade, que no século passado fora rodeada de "colônias" de imigrantes de diferentes origens étnicas e o crescimento urbano resultou que estas "colônias" ou os "arrabaldes" se transformaram em "bairros" (Cf COSTA,1996:17).

No entanto, como o termo "periferia" em estudos sociológicos refere-se não só à localização espacial mas, e sobretudo, social, e como há consenso "nacional" de que o termo "periferia" indica posição hierárquica inferior de seus habitantes, então, neste sentido é possível aplicar o termo "periferia" para designar o espaço do negro em Curitiba, tendo em vista que se refere a uma "periferia" sociológica mais do espacial e física.

É interessante observar que o termo "periferia", usada no caso pelos negros curitibanos como categoria nativa, é exatamente uma forma de marcar oposição às categorias que descrevem a história branca: "colônia", "bairro". Assim o lugar do negro é a "periferia". Às margens da cidade e da sociedade, numa oposição aos brancos sobretudo aos descendentes de imigrantes que estão nos "bairros" (ex-colônias) e que constituiriam a população local. Usar o termo "periferia" como lugar do negro é uma maneira de associar o negro curitibano aos de outras cidades do Brasil, e ao negro brasileiro como um todo.

Falando do "lugar do negro" um líder negro comenta:

"O negro em Curitiba está presente hoje em alguns setores, mas assim maciçamente você só vai encontrar o negro nas periferias da cidade" (ANTÔNIO, ACNAP).

Afirmações como essas eclodem mais como denúncia do que aceitação pacífica da realidade. Curitiba coloca o negro na "periferia", mas ele não aceita essa "posição". De modo que o assunto se torna polêmico.

Aqui tomo como exemplo dessa polêmica a construção da **Praça Zumbi dos Palmares** que, no contexto das instalações de equipamentos urbanos durante o tricentenário, homenagearia os negros de Curitiba. Esta praça foi uma conquista do Cônsul¹⁷ do Senegal junto à Prefeitura e erigida em lugar do Portal africano por ele reivindicado.

No contexto dos festejos dos 300 anos da cidade os portais vêm a ser equipamentos de valorização dos grupos étnicos (Cf. FELDMAN-BIANCO, 1997 e KLUGE, 1996). Os portais dão visibilidade aos grupos étnicos mas também há disputas. O Cônsul do Senegal teria reivindicado um Portal Africano para fazer conjunto com outros Portais "étnicos" instalados em homenagem a diversos grupos imigrantes mas acabou conseguindo apenas uma praça para homenagear a "*importante presença do*

¹⁷ O Consul do Senegal, Sr. Ozeil Moura Santos, um brasileiro, tem sido tratado pela Prefeitura como um representante oficial dos negros de Curitiba. Vários movimentos negros, no entanto, não aceitam isso e afirmam que ele é um representante ilegítimo e que a prefeitura prefere o Consul como interlocutor por causa do seu caráter oficial e despolitizado, ou seja, não fica claro se o Consul fala em nome dos negros do Senegal ou dos negros de Curitiba.

negro na cidade". E de fato a praça foi construída tendo sido inaugurada no dia 25 de maio de 1993.

Neste contexto o Cônsul do Senegal se tornou, para a Prefeitura, um interlocutor privilegiado. Alguém que oficialmente representasse os negros. Essa representação era polêmica, já que o Cônsul fora ridicularizado por membros dos movimentos sociais negros, quando ele apresentou a idéia de construção de um Portal Africano, para eles, o Cônsul era um representante ilegítimo.

Houve nuances na oposição ao Cônsul do Senegal. Grupos como o **Consciência Negra** e o **Baluarto Negro** expressaram claramente seu desagrado. O descontentamento vem exatamente em função da localização da praça: "*é uma praça muito bonita, mas nessa distância...*" Isto porque a praça fica situada próxima ao terminal de ônibus do bairro do Pinheirinho[66], a cerca de 12 km do centro de Curitiba. Para eles esta praça veio reforçar o que a Prefeitura pensa sobre os negros e o lugar deles na cidade, ou seja, na periferia.

Alguns negros tentaram lutar para que essa praça não saísse, mostrando a sua revolta em relação a essa conquista dúbia.

"O que interessava para ele (o Cônsul do Senegal) é que a praça saísse, não interessava onde. Para ele a praça saiu, o que nós fizemos foi boicotá-lo não indo na inauguração. Se tinha vinte pessoas negras na inauguração (da praça) era muito" (REGINA, Baluarte negro).

Marcados negativamente por essa experiência de ter uma **praça dos negros** que, ao invés de destacar a sua importância e reforçar sua visibilidade na cidade, teria acabado por reforçar as representações que a cidade tem do negro e "*o lugar que ele ocupa*", os líderes dos movimentos negros já não se entusiasmaram quanto ao fato do Cônsul do Senegal reivindicar junto à Prefeitura de Curitiba o "Portal Africano" a exemplo de algumas etnias que tinham construído o seu portal, como os italianos e os poloneses. O receio, de alguns negros, era de que também o portal fosse construído na periferia, e, talvez, "*até numa favela*".

Por isso esses líderes não se entusiasmaram com a proposta como até a colocaram como inútil:

"Mais do que portais nós queremos o direito de exercer a nossa diferença no dia-a-dia" (ZENIRA, Consciência Negra).

Uma outra afirma:

"Não é importante termos um portal em Curitiba. Nós temos que ter reconhecida a nossa história e algumas coisas que nós conseguimos aqui" (CLARA, Consciência Negra).

Tendo em vista que, para a prefeitura, o Cônsul representa os negros, o fato dele ter conquistado uma **praça** e não um **portal** e além disso, uma praça na **periferia**, parece significar duas coisas. Primeiro que as reivindicações dos negros sempre acabam na periferia, que é como eles mesmos, "*invisíveis*", e jamais no Centro da cidade.

Em segundo lugar que a Prefeitura se recusa a ver os negros como **etnia**. Os negros têm preferência pelo discurso étnico, o que implica que uma praça seria pouco, diante das conquistas das outras etnias. Mas, como não conseguiu-se o Portal, ficou claro que essa reivindicação não fora atendida, ou seja, o negro não é visto como uma etnia pela prefeitura.

O carnaval¹⁸ parece ser o único momento, segundo um líder negro, em que os negros deixam a periferia e ocupam o centro de Curitiba:

"De cada 10 pessoas 8 eram negras ou mulatas no carnaval. Carnaval de rua é especialmente para a periferia, para pessoas que não tem condições de pagar um clube... é o momento que a periferia vem para o centro, e é nesse momento que se observa a presença do negro (em Curitiba)" (JOSÉ, ACNAP).

Aqui, o carnaval em Curitiba aponta para o fato de que neste evento se realiza uma inversão ritual de posições. Os habitantes da periferia vão para o centro da cidade ocupando durante esta festividade um espaço que lhes é negado na sociedade. Esta inversão parece ser um dos elementos típicos do carnaval no Brasil:

"Neste caso tudo indica que o processo é radical no sentido de realmente provocar um deslocamento de um domínio para outro do qual estes elementos estão normalmente excluídos" (DaMATTA, 1990:66).

Pode-se dizer que este mecanismo ritual da inversão acontece pelo fato do carnaval ser "um ritual sem dono". E

¹⁸ Desconheço pesquisa antropológica realizada especificamente a respeito do carnaval em Curitiba, mas para o Brasil existem

exatamente por isso torna-se o lugar dos pobres pois "uma festa sem dono é primordialmente uma festa dos destituídos e dos dominados" (IDEM: 100).

Nesta referência ao Carnaval como "festa sem dono" DaMatta está contrapondo o carnaval às paradas, ou seja desfiles oficiais, e procissões, mostrando que as paradas e as procissões são rituais cooptados pelo Estado ou pela Igreja, ou seja, são festas com donos bem específicos.

Partindo destas considerações é possível levantar um questionamento: Em Curitiba, notadamente a partir da celebração dos 300 anos, cada vez mais, ao longo da festa carnavalesca assiste-se a desfiles oficiais, como o "desfile das etnias" para "embelezar" o carnaval. Passa-se a folclorizar o carnaval, como folcloriza-se os grupos étnicos. O Carnaval começa a "ter dono" em Curitiba, ou seja passa a ser cooptado pela Prefeitura.

Diante disso, talvez o negro esteja começando a perder também este espaço, o do carnaval, em Curitiba. Quem sabe também o Carnaval vai se tornar "invisível" nesta cidade, e deixará de ser o espaço dos negros, e o momento que os negros "ocupam" o centro da cidade.

trabalhos como o de Roberto DaMatta: "Carnavais, Malandros e Heróis", (1990), "O Carnaval como Rito de Passagem", (1973).

3. O RACISMO CURITIBANO

O racismo percebido pelos negros de Curitiba não está desvinculado do preconceito racial presente na sociedade ocidental nem das práticas e ideologia racistas brasileira.

Negar a existência de raças entre os homens seria atentar contra o senso comum e não nos levaria a nada pois o que convence alguém da existência das raças é a

evidência imediata de seus sentidos quando avista juntos um africano, um europeu, um asiático e um índio americano (LEVI-STRAUSS, 1970:238).

Em Curitiba é possível observar pessoas de cor circulando na cidade - nas áreas centrais, na periferia, etc. Entendo que este fato oculta preconceitos que, no cotidiano são vivenciados concretamente por pessoas de cor. Segundo as mesmas, tais discriminações mostram um racismo que se manifesta de forma peculiar, indicando que a sociedade associa o negro a posições sociais e à localizações bem precisas no espaço urbano. Também que sua presença em espaços centrais, "brancos" e visíveis deve ser controlada. A saber, que o negro curitibano deve manter-se em seu lugar.

E de fato os relatos de meus informantes mostram muito bem que este racismo está presente no cotidiano:

"Se eu vou visitar uma amiga que mora num apartamento, ao invés de dizerem se ela está ou não, eles perguntam; "A senhora trabalha para ela? Você está procurando emprego? A senhora é empregada dela? ..." por que eu não poderia ser parente ou amiga daquela pessoa?... sempre empregada" (ROSANA, Consciência Negra).

A discriminação aqui está ligada ao "lugar do negro" na sociedade. É a sociedade que diz o lugar que o negro deve ocupar, conforme as palavras de uma líder negra:

"Então não é uma coisa assim onde eu tenho a minha expressão, eles é que colocam onde eu deva ficar, é nesse sentido que eu acho que o racismo aqui (em Curitiba) é camuflado" (ROSANA, Consciência Negra).

Essa discriminação revela uma mentalidade preconceituosa que não admite a ascensão social do negro, ou a sua referência a outros universos que não o da mera posição social inferior.

"Quando eu coloco roupa branca e saio na rua, eles dizem 'ela deve trabalhar numa panificadora', nunca que eu poderia ser uma pessoa de uma religião..., sempre uma panificadora, um açougue, uma coisa assim, não é? É onde eles me vêem" (ROSANA, Consciência Negra).

A discriminação é percebida pelos negros como preconceito, como se eles não pudessem ser líderes religiosos e portanto vestirem-se como tal, e quando o fazem, eles passam a ser confundidos com "padeiros" ou "açougueiros", ou seja, com trabalhadores braçais. E o que mais incomodava essa informante é que a sua "expressão", ou seja a sua maneira de ser, não é reconhecida pela sociedade. Ela se veste como líder religioso querendo ocupar este lugar na sociedade e ser reconhecido como tal, mas este reconhecimento lhe é negado.

Para tratar do racismo, será preciso remontar às idéias sobre raça e racismo que, no senso comum, como na ciência, guardam a marca das teorias racistas evolucionistas do final

do século XIX. Isso porque a prática do racismo, a negação da presença, a ênfase da invisibilidade dos negros, reafirmam sua inferioridade.

Representações outrora hegemônicas, que traçavam cientificamente a inferioridade negra, se não são mais predominantes, ao menos em nível da produção acadêmica, de alguma forma ainda fazem parte do senso comum (SCHWARCZ, 1987:30).

Que idéias eram essas? Eram as idéias evolucionistas que serviram de base para a elaboração da tese do "branqueamento", analisada anteriormente. O ponto básico do racismo pode ser dito de maneira direta:

o pressuposto fundamental do racismo é bem simples: os brancos são superiores e devem dominar o mundo (SEYFERTH, 1995:201).

O que aconteceu, na realidade, foi uma apropriação da idéia de raça para fins políticos, ou seja, a ciência foi manipulada para justificar um discurso excludente. Aquilo que era ideologia, a superioridade branca, foi assumida como ciência, com o objetivo de melhor controlar as "supostas raças inferiores".

A UNESCO, depois de 1945, encarregou biólogos e cientistas sociais, para darem um significado científico exato ao termo raça. A obra "Raça e Ciência" (COMAS et ali, 1970) reúne os trabalhos de vários autores, que criticam o mito da raça, mostrando que

"fora do campo da biologia pura a palavra raça perde qualquer significação" (LEIRIS, 1970:225),

e afirmam que é a história o principal fator das diferenças entre as culturas.

As várias declarações sobre raça publicadas pela UNESCO desde 1950 condenaram, explicitamente, a manipulação ideológica do conceito, fazendo sempre a distinção entre raça como fato biológico e os mitos raciais produzidos pelo racismo (SEYFERTH, 1995:176).

Como não podemos negar a importância que a sociedade moderna atribui ao conceito de raça devemos então entender que

raça é um termo de múltiplos conteúdos que vão, em contínuo, da ciência à ideologia, sempre que está em jogo a diversidade da espécie *Homo sapiens* (SEYFERTH, 1995:175).

No entanto é necessário notar que as pessoas não vão moldar o seu comportamento por descobertas científicas, visto que muitos países onde grande parte da população tem acesso à educação formal podem ser mais racistas do que outros onde o sistema educacional é menos extenso.

A desmistificação das teorias raciais do século XX, sua desqualificação pelo conceito de racismo desde os anos 30, não foi suficiente para acabar com os sentimentos de superioridade racial (SEYFERTH, 1995:201).

O bom entendimento entre os indivíduos de diferentes raças não depende necessariamente de terem conhecimento das mais recentes descobertas científicas sobre o assunto ou não.

Na realidade, a raça propriamente dita, no sentido biológico, nada tem a ver com as atitudes psicológicas e com as idéias adotadas a esse respeito (LITTLE, 1970:58).

Pessoas de raças diferentes podem conviver de maneira que suas diferenças raciais não interfiram no relacionamento, por isso podemos dizer que

não é a existência de diferenças raciais em si que coloca o problema das relações entre as raças, mas o fato de que tais diferenças são acentuadas no seio desta ou daquela sociedade (IDEM:59).

Michael Banton, no seu trabalho "A Idéia de Raça" (1977), fala do desenvolvimento da idéia de raça desde meados do século XIX até à postura dos movimentos negros da década de 60 nos Estados Unidos. No caso do Brasil, outros autores se destacaram no estudo desta questão, como Giralda Seyferth e Lilia Moritz Swcharcz cujas contribuições foram fundamentais para esta pesquisa.

Portanto o simples fato de afirmar a existência de pessoas com diferentes traços raciais não significa nenhum problema discriminatório, nem racista. O racismo não existe simplesmente pelo fato de terem existido raças. O racismo é algo produzido, feito, elaborado dentro de uma determinada sociedade. O racismo portanto não depende da existência, pura e simplesmente, de diferença de cor.

O erro que dá uma aparência de base teórica ao preconceito de raça repousa principalmente numa confusão entre fatos naturais e fatos culturais. É necessário que seja feito a distinção entre a herança racial e a herança social, aquilo que o homem herda de nascença e aquilo que ele adquire do meio em que foi educado. Pois,

o pecado original da antropologia consiste na confusão puramente biológica de raça (**na suposição, aliás, de que mesmo neste campo limitado, essa noção possa pretender uma objetividade, o que a genética moderna contesta**) [sem grifo no original] e as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas (LEVI-STRAUSS, 1970:232).

Visto que mesmo no campo estrito da biologia falar de raça humana já é uma tarefa extremamente complicada, não há como partir do conceito de raça para se estudar o negro em Curitiba. Mesmo assim, é preciso estar atento ao modo como esse conceito é construído e elaborado na fala dos informantes, visto que a diferença racial podem ser um elemento para uma distinção social e também porque

se as ciências sociais não têm por objetivo a raça em si, como conceito biológico, um de seus campos de estudo é o das relações raciais, com ênfase no preconceito e na discriminação, suas causas e suas conseqüências (SEYFERTH, 1992: 56).

TERCEIRO CAPÍTULO: O NEGRO NOS 300 ANOS DE CURITIBA

A Prefeitura Municipal organizou um extenso calendário de comemorações dos 300 anos de fundação da cidade. Os eventos que compunham esta agenda foram classificados por Amparo R. Teodoro da Silva (1995:1-5) em três grupos diferentes.

O primeiro deles "caracteriza-se de eventos oficiais" dos quais fazem parte o "Desfile Cívico e Étnico dos 300 anos", e outros eventos como procissões, festivais, exposições, apresentações de cantores e grupos folclóricos.

O segundo grupo de eventos

são também organizados por órgãos do governo ou similares, mas procuram enfatizar outro aspecto da cidade. Resgata-se através delas, a idéia de uma comunidade culta, cosmopolita, que mantém relações culturais com outros países, que possui espaços adequados para a apresentação de renomados artistas, que pode ser anfitriã de obras de reconhecido valor estético (Cf. TEODORO DA SILVA, 1995:5).

O terceiro grupo de eventos "serve à reconsagração dos espaços comunitários existentes" como a comemoração dos 24 anos de Fundação do Centro Espanhol do Paraná, que aquela autora analisa.

Neste capítulo, portanto, pretende-se identificar exatamente o contraste entre a idéia de uma cidade aberta a todos os povos e a que, de fato, exclui e discrimina parte de sua população, no caso, os negros. Nas comemorações dos 300

anos da cidade todos os grupos valorizados eram de imigrantes.

1. "A CIDADE DE (QUASE) TODAS AS GENTES"

Curitiba se apresenta como a "cidade de todas as gentes",¹⁹(Cf. COSTA, 1996:07), valorizando todos os grupos étnicos existentes na cidade, mesmo aqueles que representam uma ínfima percentagem da população local. É diante disso que a discriminação contra negros se torna ainda mais contundente e contraditória.

Durante a celebração dos 300 anos de Curitiba os negros foram muito raramente chamados a participar dos festejos, e quando foram convidados o foram de maneira bastante irregular. Registro os desabafos de muitos líderes de movimentos negros da cidade, que assim se manifestam durante as entrevistas:

[...]nos 300 anos toda a cultura negra foi jogada pro lado",

ou ainda,

"no desfile dos 300 anos de Curitiba não apareceu nenhum representante... nada representando a cultura negra... botaram uma ala de candomblé representando (o

¹⁹ "Curitiba: cidade de todas as gente" tem sido uma das frases principais veiculadas pela Prefeitura Municipal ao divulgar a cidade como sendo formada por povos de diferentes origens. Outras frases também são usadas para falar desta mesma idéia como atesta o poema de Rafael Greca, prefeito da cidade por ocasião dos trezentos anos: "... Luz forte, olhos imigrantes, na hora do desembarque. Alemães, italianos, poloneses ucranianos, japoneses - gente do mundo todo. Luz que clareia uma cidade que é rua capaz de passar muitos países, e passa pelo Brasil inteiro dentro de si mesma... (Calendário de eventos - Curitiba 300 anos).

negro) *onde não existia nenhum negro, todos brancos*" (RODOLFO, Academia Muzenza).

Poderia-se dizer que ao colocar no desfile de 29 de março de 1993, data da fundação de Curitiba, uma "*ala de candomblé*", representando o negro os organizadores do desfile estavam reconhecendo a presença de negros na formação da cidade. Mas nessa ala os participantes eram "*todos brancos*". Posso então entender que eles reconheciam a existência de negros no passado histórico, mas também sinalizavam que na Curitiba de hoje eles já não existem.

Estamos acostumados a ver em alguns desfiles cívicos, pessoas da cidade vestidas de índios para *representá-los* como figuras do passado, afirmando que eles já não existem. De fato, em algumas regiões do Brasil, índios foram completamente dizimados e dali desapareceram. Do mesmo modo os organizadores do desfile dos 300 anos de Curitiba colocaram pessoas *não-negras* para *representar* os negros da história. Afirmando, pelo ritual, que atualmente já não se encontram negros na cidade. Conclui-se que, para eles, quase um quinto da população curitibana se tornou **invisível**.

O fenômeno se baseia nos subsídios das teses dos mesmos historiadores que pareciam pretender eliminar a presença do negro da própria história do Paraná e de Curitiba, como já foi visto anteriormente :

Assim é o Paraná. Território que do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, **sem negro**, [sem

negrito no original] sem português e sem índio, dir-se ia que a sua definição humana não é brasileira (MARTINS, 1989:446).

Por sua vez, a Prefeitura Municipal, ao organizar os desfiles oficiais, repete na atualidade a mesma idéia, querendo confirmar a ausência de negros na cidade.

Foram sobretudo os capoeiristas os que melhor falaram a respeito da questão e outros aspectos também vieram a ser identificados. Aliás, nota-se uma constante reclamação, mesmo fora do contexto das celebrações dos 300 anos, de que a capoeira, como música, arte marcial, folclore e dança, nitidamente ligada à tradição cultural dos negros, não é valorizada em Curitiba por aqueles que são responsáveis pela área cultural da Prefeitura, e assim, neste contexto, se forja e/ou reafirma uma identidade curitibana marcadamente européia.

"Grupos de Capoeira" não se apresentam em celebrações oficiais nem estão incluídos entre os grupos folclóricos, que anos após anos se apresentam no teatro mais importante da cidade²⁰.

Seriam esses "grupos de capoeira" em pequeno número? Certamente não. Eles estão aí, em ruas centrais da cidade, como Rua Marechal Deodoro e Rua Pedro Ivo, como também são inúmeros nos vários bairros da cidade. Os líderes desses

²⁰ Se trata de dois festivais de folclore com uma série de apresentações um promovido pela Fundação Cultural de Curitiba e o outro pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, que se realizam já a mais de uma década onde vários grupos folclóricos

grupos reclamam da discriminação que sofrem. Eles observam que grupos étnicos, com representatividade numericamente bem menor do que a população negra e mulata de Curitiba, são mais frequentemente convidados a participar de eventos oficiais e têm mais acesso aos meios de comunicação.

No mês de junho de 1993, como parte da celebração dos 300 anos da fundação da cidade foi inaugurada a exposição "*Curitiba: tempos e caminhos*", na Casa Vermelha, no centro da cidade. Essa exposição apresentava uma retrospectiva histórica, mostrando diferentes personagens, como índios, bandeirantes, imigrantes. Mas dos negros nada se falava. Mesmo acionando o "*multi-mídia*"- um sistema de vídeo com vários programas à disposição dos visitantes, nada se podia saber da presença de negros em Curitiba, ou da presença destes na formação da cidade. Poderia-se questionar: por que exatamente a figura do negro é que estava ausente da exposição sendo que eram destacados índio, bandeirantes, imigrantes europeus?

Aqui, de fato, o rito coloca em "close up" as "coisas do mundo social" (Cf. DaMATTA, 1980:60). Ou seja, o ritual dos 300 anos evidencia a negação da existência de negros na cidade. É interessante trazer aqui o ponto de vista de DaMatta quando afirma que

ligados à diferentes grupos étnicos de Curitiba se apresentam no Teatro Guaíra.

não procura ver distinções entre a *matéria-prima* do mundo cotidiano e aquela que constituiria o mundo ritual (DaMATTA, 1980:57).

O negro também esteve ausente da maior parte dos "rituais" que celebraram os 300 anos de fundação de Curitiba. Atualiza-se, assim, o mito da não existência de negros e recorrentemente reforça-se no discurso sua invisibilidade, mesmo que isso estivesse contradizendo pontos irrefutáveis da história da cidade. Mostrando que o mito se atualiza, tem concretude, é possível apreendê-lo no processo ritual.

Percebe-se que uma determinada leitura da história, foi instrumental para construir o mito atual da cidade. Por sua vez, a negação do negro nos festejos dos 300 anos, além de confirmar o mito da sua ausência no passado, projeta a continuação deste mito no futuro, torna-o permanente. Como afirma Lévi-Strauss:

O valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro (LÉVI-STRAUSS: 1975, 241).

Para alguns informantes o fato da celebração dos 300 anos não registrar a presença do negro na cidade além de ser um reforço no mito da sua ausência na história local, vai ter conseqüências futuras inevitáveis.

"Nas festividades (dos 300 anos) não tinha a expressão do negro e não ficou marcado, não está registrado... vai fazer 600 anos e realmente aí eles vão provar que de fato não houve escravidão porque a gente não estava

aqui... fica provado que a gente (negra) não existia nos 300 anos" (OSVALDO, Consciência Negra).

O que nota-se aqui é o "mito de origem" da sociedade curitibana, construído historicamente e celebrado nos festejos dos 300 anos, excluindo a existência do negro como elemento formador dessa mesma sociedade.

De fato, no "mito" da fundação da cidade de Curitiba não se registra a presença do negro:

A lenda continua narrando que para ter sempre uma boa amizade com os indígenas, os povoadores convidaram o cacique de uma tribo tingüi, que habitava a região, para indicar-lhes o local mais apropriado. Este cacique aceitou o convite e, depois de procurar demoradamente um bom lugar, fincou uma vara no chão, dizendo: *Coré-etuba, isto é, muito pinhão, aqui*. Desta expressão do cacique tingüi surgiria o nome da futura capital dos paranaenses (WACHOWICZ, 1995: 62).

Comparando com o "mito de origem" da sociedade brasileira, identificado por DaMatta na "Fábula das Três Raças", que constrói a idéia da sociedade brasileira formada pelo **branco**, pelo **negro** e pelo **índio** (Cf. DaMATTA, 1987:88), fica evidente que no mito de origem da sociedade curitibana está faltando um dos três elementos: o negro.

Além de mostrar uma visão racista da sociedade curitibana, demonstro que aqui ela não se identifica com o Brasil. Estou aqui apontando para a construção da especificidade de Curitiba que se apresenta como uma cidade "não-brasileira". Isto é, excluindo o negro estaria excluindo

parte da identificação com o mito de origem da sociedade brasileira.

Ou de outro modo, pode-se dizer que a sociedade curitibana se insere no contexto nacional mas radicaliza suas posições. Se a sociedade brasileira apresenta-se racista ao inserir o negro nos escalões inferiores de uma sociedade hierarquizada, a sociedade curitibana, por sua vez, por meio da negação do negro torna o racismo e toda a população de cor **invisível**. Se a sociedade brasileira sonha com a "democracia racial", desde que o negro "saiba seu lugar", a sociedade curitibana sonha em ser uma sociedade de "todas as gentes", embora o negro dela deva estar/ser excluído. Se a sociedade brasileira, com a teoria do branqueamento, alimentou a possibilidade de ser branca no futuro, a sociedade curitibana, reduzindo os negros à invisibilidade, já se afirma como branca no passado, no presente e, portanto, também no futuro.

2. CONVIDAR, CONVIDAMOS...

"Na festa dos 300 anos nós não participamos por causa da forma como foi conduzido, tudo pronto. Só estivemos na reunião colocando o que a gente imaginava e aí não foi aceito" (MARIA, Baluarte Negro).

Identificada a ausência dos negros nos desfiles oficiais que celebraram os 300 anos da fundação da cidade de Curitiba, como será que esta ausência se deu? Será que os negros nem foram convidados?

Na realidade os diversos grupos contactados falaram do assunto com uma carga emotiva intensa, e acabaram assumindo uma posição política de **negação de participação** em resposta ao modo como foram convidados. Cada grupo tinha a sua história a contar. Mas a ausência de convite, ou convite feito de modo inadequado, parece ter produzido em geral um discurso de negação de participação. Cada "grupo negro" vai explicitar suas razões:

*"A **ACNAP** não participou porque da forma como fomos convidados foi um desrespeito... houve uma discussão mas não participamos. E a gente indo até lá era reforçar esta idéia de que esta convivência é pacífica" (VERA, ACNAP).*

Estes sentem se desrespeitados, outros sentem que se aceitassem participar o seu "grupo negro" estaria sendo equiparado a um **grupo folclórico** e por isso reagem:

*"A gente foi convidado como grupo folclórico e isto é uma coisa que nós questionamos muito dentro do nosso grupo, nós questionamos muito esta visão folclorizada do negro e da negra. Nós somos uma **etnia**, não um grupo folclórico" (REGINA, Baluarte Negro).*

Nas entrevistas realizadas ao longo desta pesquisa repetidas vezes constateei reclamações a respeito do modo como os negros foram convidados a participar desses eventos oficiais. O caso mais claro foi em relação ao "**Grupo Baluarte Negro**" que tinha de fato recebido um carta datada de 17 de março de 1993 convidando para "festejar juntos os 300 anos de Curitiba", com participação no "grande desfile marcado para o

dia 29 de março". Esta carta está assinada pelo Prefeito e pelo presidente da Fundação Cultural de Curitiba (Ver a carta na íntegra no anexo 4).

Este desfile ocuparia um papel especial dentro da celebração, pois através deste evento a Prefeitura pretendia mostrar

o que faz o diferencial de Curitiba: o seu grande corpo humano, a mistura étnica que, sem exagero, faz com que cada habitante desta cidade sintetize, em si, o mundo inteiro.

Esta carta dizia também que o desfile contaria de **"forma viva e didática a história de Curitiba"** e apontava alguns dos personagens desta história: "os índios preados e colonizadores portugueses", "os tropeiros", "os imigrantes europeus".

A carta destacava a importância destes últimos, pois a história da ocupação urbana está profundamente ligada aos europeus que vieram 'fazer a América' em Curitiba.

O caráter oficial desta carta indica que ela foi enviada a outros grupos étnicos e raciais convidando-os a participar do desfile. Mas os outros grupos que participaram do desfile não foram simplesmente convidados por uma carta enviada a apenas 12 dias do desfile. Um grupo, por mais organizado que seja, precisaria de algo mais do que 12 dias para receber um convite como esse, reunir os membros do grupo, decidir a respeito da aceitação do convite, discutir os aspectos práticos da participação num evento como esse.

A resposta do Grupo **Baluarto Negro** veio em forma de outra carta pontuada por questionamentos e desabafos. Entendo

necessário citar aqui alguns trechos desta carta-resposta (Ver a carta-resposta na íntegra anexo 5):

"A história dessa metrópole do Paraná, assim como a história em geral, não pode ser narrada a partir de interpretações facciosas oriundas de concepções elitistas, discriminatórias e racistas.

"Os africanos ao serem trazidos à força para o nosso Estado trabalharam na mineração do ouro, na agricultura e na pecuária.[...]

"Todavia, não são poucos os historiadores que procuram minimizar de forma grosseira a importância do negro no processo de desenvolvimento do Paraná.[...]

Por que os historiadores e seus asseclas deixaram de esclarecer o "não crescimento da população negra no Paraná" e a "precoce" mortalidade do mulato ?

"Por que omitiram os maus tratos aos negros e as péssimas condições em que viviam?.[...]

"Resta-nos ainda indagar: A secular e violenta repressão às práticas religiosas, culturais de origem africana não tem nenhuma ligação com o predomínio da cultura europeia que ocupou o vácuo imposto pelo escravismo em nosso Estado?

"Omitir e deturpar fatos não é prática recente das elites, que para assegurar seus interesses de classe e a supremacia ideológica pretendem se colocar acima da inteligência de quem quer que seja, ignorando o direito das pessoas de serem respeitadas e conhecerem o máximo possível da realidade histórica.

"Para nós da raça negra, que somos o maior grupo étnico do Paraná - dois milhões e cinquenta e cinco mil - o resgate dessas questões no momento em que se comemora os "300 anos" de Curitiba é fundamental".

Os trechos desta carta mostram o modo como líderes de movimentos negros entendem a questão do negro no Paraná e em Curitiba.

Iniciam com uma denúncia, afirmam a presença do negro na história deste Estado, voltam a denunciar a manipulação e omissão de fatos históricos, reafirmam o negro como grupo étnico e terminam falando da importância de "resgatar" essas questões por ocasião da comemoração dos 300 anos.

Nota-se, no entanto, que a carta-resposta trata também da figura do negro "histórico". Negros também reafirmam o discurso oficial: ao resgatar a sua história desconhecem e minimizam a conjuntura atual. Não são questionados onde estão os negros, quais suas condições atuais, qual sua realidade cotidiana. Acentua-se e reproduz-se o estereótipo: negro/escravo, pois neste discurso remete-se simbolicamente ao passado, enquanto o negro continua invisível hoje.

3. MÃE NEGRA

O negro estava ausente nos vários eventos oficiais que marcaram a celebração dos 300 anos. Somente em algumas celebrações, que não se encaixam em nenhum dos três tipos classificados por Teodoro da Silva²¹, acima, e que alguns informantes chamavam de "*paralelas*", o negro participou.

"Então a presença do negro ficou só nas festividades paralelas... Dentro da cultura curitibana oficial não

²¹ Obra citada na p.50.

aparece o negro e não que a gente não batalhasse por isso" (VERA, ACNAP).

Na realidade em apenas um único evento o negro foi igualmente representado: a comemoração do Dia das Mães de 1993. Esta comemoração se deu no Jardim Botânico de Curitiba. E foram convidadas para participar uma mãe de cada segmento "étnico" da sociedade curitibana representando a sua parcela de população. Uma informante do "grupo **Consciência Negra**", que é uma das líderes de movimentos negros mais conhecidas pela classe política local, foi convidada para representar todos os negros:

*"Fui convidada por um vereador, como **mãe negra**... foi a única expressão pública que se teve nos 300 anos com a participação de representante negro" (CLARA, Consciência Negra).*

Poder-se-ia perguntar por que neste momento a "**mãe negra**" teve o mesmo espaço da "**mãe italiana**", da "**mãe espanhola**"... O fato é que neste dia 9 de maio de 1993 lá estavam todas as mães representando seus grupos. Todas vestidas à caráter, como também a "**mãe negra**", surpresa, disse ela, por ter sido desta vez convidada.

Para entender o modo como essa informante sentiu os acontecimentos daquele dia é necessário deixá-la falar.

"No geral tudo bem com as mães que estavam ali representando as várias etnias, mas as pessoas que estavam atrás protestavam muito: 'É o fim' (ter negro aqui) - elas colocavam - 'é o fim, agora até isso', numa expressão européia muito forte. Mas eu fiquei na minha, eu estava lá, tinha uma cadeira que era

minha... Mas é muito difícil ficar ouvindo. Realmente o que eles colocam é para você perder a linha, mas como eu já sei que é para isso, eu ouvi muitas coisas desagradáveis, num momento que poderia ser agradável... Não foi uma coisa pública e gritada, mas uma coisa sussurrada para mim quem estava na frente ouvir: 'É o fim do mundo', quer dizer, 'Curitiba já se apresenta assim'. Aí a gente percebe o porque não se fala da presença de negros na história de Curitiba" (CLARA, Consciência Negra).

A pessoa que participou deste evento entendeu que, apesar de toda a discriminação sofrida pelos negros ao longo das comemorações dos 300 anos da cidade, importava ocupar todo o espaço que lhes fosse aberto e marcar presença como liderança **negra** num contexto onde estavam representantes de "grupos étnicos **européus**". Ela entendia que sua presença ali fazia com que "Curitiba se apresentasse assim", ou seja não só européia mas também negra.

Líderes de outros movimentos negros afirmaram que a ausência seria mais politicamente correto.

Certamente a valorização da "**mãe negra**" estava relacionada à tradicional figura da mulher negra como ama de leite, reafirmando a sua posição ou a colocando num grau inferior da hierarquia social. Ama de leite é inferior estrutural às outras mães. A líder, ao participar do evento, colocou a "**mãe negra**" em iguais condições das outras mães presentes e foi exatamente isto que provocou contestação, pois, historicamente, a "**mãe negra**" sempre serviu às outras mães.

4. O NEGRO REVELA UMA IMAGEM DE CURITIBA.

O fato de existirem negros em Curitiba, não é suficiente para que a sociedade os enxergue e os reconheça. Sua presença real é negada, ou tornada invisível, ausente. O lugar - ou não-lugar - que o negro ocupa no "mito de origem" da sociedade curitibana é que determina o lugar que ele ocupa na cidade, nas estatísticas e nos desfiles. Ou seja, como não existente.

Comparo aqui a identidade do curitibano à identidade do riograndense, à luz do trabalho de Ruben George Oliven, porque entendo que esta comparação permite perceber a especificidade da identidade do curitibano.

Falando sobre a identidade do riograndense, que se constrói ao redor da figura do gaúcho, Oliven afirma:

Trata-se de uma construção da identidade que exclui mais do que inclui, deixando fora a metade do território sul-riograndense e grande parte de seus grupos sociais (Oliven,1993:30).

A figura do "gaúcho" era ligada ao índio, cavaleiro e combatente, uma figura que preexistia à chegada dos europeus, com a qual os migrantes, em sua maioria de origem européia, tentam se identificar. Como observa Oliven, ao participar de um festival de música que cantava a tradição e a identidade gaúcha:

é um mar de cabeças loiras, várias delas provavelmente se considerando como herdeiros dos índios guaranis dos Sete Povos das Missões (Idem,35).

Quanto ao negro em Curitiba, percebe-se exatamente que esta-se lidando com aqueles que foram excluídos nesse processo de construção da identidade local. A construção da identidade do curitibano, como no Rio Grande do Sul "excluí, mais do que inclui", mas ao contrário do que aconteceu no Rio Grande, são excluídos não os grupos que chegaram tardiamente, mas sim os que primeiro colonizaram e desbravaram essa terra.

Ao inverso do que aconteceu no Rio Grande, é ao redor da figura do imigrante, e do imigrante europeu, que se tenta construir a identidade do curitibano, excluindo os setores mais antigos da formação dessa sociedade, ou seja, os índios, os lusos, os negros, os que se identificam como "brasileiros".

No Rio Grande do Sul os que chegaram depois podem considerar-se "gaúchos" e assumir, se quiserem, também essa identidade. Deste modo todos os rio-grandenses podem identificar-se com a figura dominante. Em Curitiba isso não é possível. Uma pessoa oriunda de outras partes do Brasil, por exemplo, independentemente da época que tenha chegado na cidade, jamais poderá se considerar uma imigrante, porque a figura dominante é a de imigrante europeu.

A Curitiba dos imigrantes não poderia reconhecer negros entre seus filhos e continuar reafirmando a sua identidade "européia", por isso é mais usual afirmar que não há negros na cidade. Fazendo com que todos os membros da população de cor pareçam ser "invisíveis".

Esta **invisibilidade** como **negação da presença** está articulada com uma determinada idéia de cidade que se tenta construir: a de cidade "européia", de "Primeiro Mundo". E, segundo os informantes, essa imagem de Curitiba passa a ser uma grande razão pela qual o negro é invisível e tem dificuldades em viver e se organizar na cidade.

Afirma um líder negro que

"em Curitiba se tem uma grande dificuldade em desenvolver um trabalho com o negro por causa deste rótulo de cidade do primeiro mundo, Curitiba é uma cidade de primeiro mundo cercada de Brasil por todos os lados. Neste Brasil existem negros, e em Curitiba não? Por que Curitiba tem que ser diferente?"
(ROBERTO, ACNAP).

A imagem de Curitiba não é vista como espontânea, mas provocada e inculcada na população através de propaganda promovida pelos seus dirigentes.

"Os últimos prefeitos tem investidos neste rótulo de Curitiba, como cidade européia. Há um investimento maciço, inclusive da mídia, como aquele comercial de doação de sangue que mostrava todas as etnias existentes em Curitiba, mas não mostrava o negro"
(ROSE, Grupo Xirê).

Pessoalmente identifiquei esta mesma tendência junto à população em geral. Quando conversava com curitibanos a respeito desta pesquisa me deparei diversas vezes com comentários como esses *"deve ser muito difícil tua pesquisa, pois aqui não há negros"*. Eu era obrigado a responder, ironicamente, que estava acostumado a pesquisar o *"invisível"*.

Um informante registra situação semelhante.

"Quando afirmo que faço parte de um movimento de negros em Curitiba as pessoas respondem 'Mas como? Se aqui não existem negros'. Bem, essas pessoas querem negar que eu mesma exista eu querem negar que eu seja curitibana" (FRANCISCA, ACNAP).

Quando detectamos que existe uma tendência, principalmente por parte dos políticos que têm dirigido a cidade nas últimas décadas, em negar a presença do negro no propósito de afirmar Curitiba como cidade "européia", poderíamos então concluir que a invisibilidade do negro revela a invisibilidade de uma certa parte da população local como bem percebeu um informante:

"Quando Curitiba tenta negar a existência do negro ela está nesta tentativa de negar também o outro lado de Curitiba, o lado da miséria mesmo" (JAIR, ACNAP).

5. OS NEGROS EM CURITIBA: FOLCLORE OU GRUPO ÉTNICO ?

O tema do negro no Brasil é relacionado aos temas etnia, raça e cor, tanto pelos meus informantes, pelo senso comum, quanto pelos estudiosos. Para alguns, a confusão dos termos é reconhecidamente existente. Entre os diferentes movimentos negros é vista como uma fraqueza dos grupos, como confirma Rufino:

Raça, cor, etnia e cultura são usados indistintamente no discurso desses movimentos (sociais negros), o que parece enfraquecer sua função de pedais do conhecimento e da ação (RUFINO, 1988:10).

Além do mais, percebe-se nos relatos dos meus informantes uma constante recusa em enquadrar os diferentes movimentos negros como "grupos folclóricos". Entendo que a melhor abordagem para uma análise leva ao uso do tema etnicidade.

O tema **etnicidade** foi o elo que uniu as diversas pesquisas do Projeto Integrado, citado na introdução deste trabalho²², devido a sua relevância no mundo atual e ao contexto multiétnico da cidade de Curitiba. Foi fundamental para minha pesquisa o estudo do negro dentro desse contexto. Apesar de não ser possível identificar a população de cor como mais um **grupo étnico local**, a especificidade da presença do negro em Curitiba implica que se dê conta de sua inserção em um contexto interétnico.

Diante dos conceitos tradicionais de etnia e de grupo étnico **a população de cor negra como um todo em Curitiba não poderia ser entendida como um grupo étnico.**

Nesta segunda metade do século XX fenômenos étnicos tem sido bastante estudados e o seu referencial teórico passado por constante revisão. Giralda Seyferth²³ faz uma abordagem do assunto mostrando que

a revisão, teórico-metodológica dos fenômenos étnicos desde os anos 60 enfatizou a problemática da etnicidade - afastando-se dos conceitos mais ortodoxos

²² Ver página 02 da introdução.

²³ O Trabalho de Giralda Seyferth "Considerações sobre a (re) construção de Identidade étnica ", 1994, é um comentário da autora a respeito do Projeto Integrado Etni(-)cidade: Estudos antropológicos de grupos étnicos na cidade de Curitiba", após a sua participação no seminário "Encontros com a Antropologia II".

de grupo étnico e dando mais espaço à questão da identidade e seu papel no estabelecimento de limites inter grupais (SEYFERTH, 1994:10).

O modo como a noção de etnicidade é apropriada nas análises interétnicas varia bastante. Mas, ao mesmo tempo, o caráter genérico dos fatos étnicos deixa as definições e conceitos um tanto frouxos (Cf. SEYFERTH, 1994:11).

A identidade étnica passou a ser vista como categoria de interação dentro de uma análise situacional numa sociedade. Identidade essa que "não é dada nem inata" (EPSTEIN, 1978:XIII), mas construída e muitas vezes reconstuída no contexto concreto de uma sociedade que

tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros grupos como constituinte de categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem (BARTH, 69:10-11).

Dentro deste ponto de vista valoriza-se mais a identidade do grupo étnico, um "nós" em relação a "um eles", e a questão das fronteiras entre os grupos, do que os elementos que a constituem.

É a partir dessa revisão de conceitos que alguns autores identificam determinados grupos negros como **grupos étnicos** como são os casos de comunidades de negros em áreas rurais estudadas por Maria de Lourdes Bandeira e outros.

Em áreas doadas pelo senhorio, em terras de santos ou áreas devolutas "recuada", tomando como base associativa a afiliação racial e consanguínea (os negros) constituíram-se em grupo étnico, forma

Neste seminário foram apresentados vários trabalhos do Projeto Integrado num primeiro estágio de elaboração.

histórica específica de organização de libertos e sua descendência em área rural, tendo como critérios de identificação: cor, parentesco, territorialidade, apropriação comunitária da terra, festa de santo dos pretos, reciprocidade e cooperação (BANDEIRA, 1991:18).

Parece-me claro que nesta comunidade de negros, situada em Vila Bela da Santíssima Trindade, no Mato Grosso, e estudada pela autora na década de 1980, estão presentes vários elementos que a caracterizam como um grupo étnico: um forte sentido de pertença ao grupo, que constrói o "nós" e o "eles"; a formação do grupo como grupo de interesse e organização política; e a identidade étnica como claramente presente.

Recusar a identidade étnica ao negro pode ser lhe terrivelmente prejudicial como afirma a mesma autora:

A recusa à identidade étnica dos negros tem sido diligenciada em todo o intercurso de nossa história, pela sociedade e pelo Estado. Essa recusa engendrou mecanismos ideológicos e práticas de fragmentação da identidade, técnica social de subordinação e obediência do negro (IDEM, p.21).

O fato de se identificar uma comunidade de negros na área rural como grupo étnico não permite afirmar que toda a população de cor brasileira também deva ser assim classificada. No entanto, permite dizer que é exatamente o contexto social que impõe a percepção de determinada parte da população negra como um grupo étnico para marcar a igualdade ou desigualdade deste grupo frente aos outros segmentos da população.

É exatamente o que se constata em Curitiba, como ficará demonstrado ao longo deste trabalho. O negro curitibano está continuamente colocando-se em oposição aos grupos étnicos existentes na cidade, designando a todos eles ora como "estrangeiros" ora como "europeus" e, em contrapartida, os negros passam a se auto definirem como "brasileiros". É claro que diante desta categorização de "brasileiros" não só os negros se veriam incluídos. De qualquer modo há, neste caso uma apropriação específica do termo **grupo étnico** pelos negros curitibanos, quando eles mesmos se auto-classificam como "etnia".

Além disso retomando uma das perspectivas segundo a qual a etnicidade pode ser analisada, a saber, a que a define como base para a ação política e aborda os grupos étnicos como grupos de interesse, percebe-se o ponto de vista a partir do qual os movimentos negros curitibanos vão se apropriar do conceito de etnicidade e se definir como grupo étnico.

Dentro da perspectiva apontada por Glazer e Moynihan (1975) o que caracteriza a questão étnica é a extensão com que os grupos étnico, hoje, se definem em termos de interesses comuns e, portanto, aparecem como grupos de interesse (SEYFERTH, 1983:04)

É exatamente esta manipulação da etnicidade para fins políticos que ocorre quando

[...]intelectuais e militantes negros dos anos 70 adotaram uma etnicidade afro-brasileira como estratégia de mobilização. Busca se um retorno à África, através da valorização da cultura negra e da

raça negra. A etnicidade aparece como princípio organizador do movimento; a cultura e a raça tomados como base possível dessa mesma **eticidade**, simbolicamente ou não (IDEM: 11).

Apesar da dificuldade em identificar toda a população de cor negra como um grupo étnico, devemos perceber que também **os movimentos sociais negros de Curitiba** buscam a "recuperação de uma identidade étnica afro-brasileira" como base para a reivindicação de seus direitos e fim da discriminação. Portanto os membros desses movimentos sociais negros **podem ser definidos como membros de um grupo étnico**. Pois eles mesmos definem a população negra, como uma **etnia** ou entendem a sua ação dentro do contexto interétnico.

Percebe-se que afirmar a população negra como "**etnia**" objetiva recusar uma visão **folclorizada** do negro, visão esta que, segundo meus informantes, a Prefeitura preferia focar nas comemorações. É exatamente a dimensão política do termo etnicidade que está sendo atualizada.

A valorização que os negros fazem da etnicidade é relativa exatamente à sua dimensão política. Para elas a identidade étnica é identidade e inserção política enquanto o folclore seria identidade sem a dimensão política.

O que -se tem aqui é uma forma de manipular o estigma imputado ao uso do termo "raça". O uso do termo "etnia" permite a inclusão, paradoxalmente, dos negros no contexto interétnico - e lhes garantiria resposta prontas às suas reivindicações - o que o termo "raça" não permitiria. Não há

linha de cor a separar, mas há grupo étnico a identificar num contexto que é dado e aceito como multiétnico.

QUARTO CAPÍTULO: OS NEGROS SE ORGANIZAM

Não podemos falar do "negro de Curitiba" no singular. Um dos pontos de partida de minha argumentação é a de que os "negros de Curitiba" têm história e precedência diversas e se alguns negros nasceram na região, muitos deles, no entanto, chegaram à Cidade vindo de diversas partes do país.

Segundo Gilberto Velho quando se fala da heterogeneidade da população, não está se referindo a uma visão que considera apenas aspectos econômicos, mas sobretudo, aspectos culturais, estilo de vida, visão de mundo, etc (Cf. VELHO, 1987:15). Portanto além da realidade sociológica complexa, há que considerar também uma heterogeneidade que pode ser percebida desde que sejam enfocados diferentes aspectos como o religioso, o profissional, o econômico, o de militância e outros. Assim, esse estudo revela a heterogeneidade dos negros, para além da percepção de cor e da posição social de origem.

E é claro que para aprofundar isto pode-se abrir diferentes frentes de pesquisa. Por exemplo, a complexidade religiosa vivida pela população negra. Existe uma grande quantidade de casas dos chamados "cultos afro-brasileiros", na chamada "Curitiba Mística"²⁴. Aqui a complexidade

²⁴ Para muitos Curitiba é tida como uma cidade mística, onde, além de diversas religiões, há também inúmeros centros esotéricos atuando.

religiosa dos negros seria um dado relevante para o aprofundamento do conhecimento a respeito dos mesmos, mas eu escolhi discutir um tema que permite melhor analisar criticamente a **invisibilidade** dos negros: o tema de sua organização em movimentos sociais.

Nem de longe eu havia vislumbrado no início da pesquisa que movimentos sociais seriam o recorte principal deste trabalho. Entretanto, observei que é no contexto de movimentos sociais que os negros curitibanos, pensam sua situação, buscam sua identidade e constroem sua visibilidade social na cidade, de maneira mais explícita,.

1. OS MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS EM CURITIBA

Cada movimento social negro tem sua realidade e história. Alguns surgiram exatamente a partir de uma crítica a determinado modo de agir de um outro movimento negro na cidade. Tentaremos deixar claro a intensa relação que existe entre eles.

Nesta rápida descrição não sigo nenhuma ordem de importância ou qualquer outro critério de hierarquização dos movimentos sociais. Vou apenas apresentar os grupos reafirmando que não existe relação hierárquica explícita entre eles, visto atuarem em áreas diferentes e reunirem diferentes segmentos da população de cor. No entanto, não posso deixar de apontar que tal horizontalidade está marcada por "tentativas" de direcionar, globalizar, reunir todos os

outros movimentos sob esta ou aquela dominação. Não falta, na relação entre os diversos "grupos" tensões identificadas pelo recorrente mecanismo social da acusação.

Falando sobre acusações Gilberto Velho afirma que

a Idéia básica é que situações de impasse podem desencadear conflitos sob a forma de acusações, constituindo-se em movimento dramático de tentativa de controle social (VELHO, 1981:67).

A existência de acusações entre os diferentes movimentos negros de Curitiba identifica, portanto, seus conflitos de relacionamento. As acusações também desempenham a função de "delimitar as fronteiras" dos grupos e "exorcizar as dificuldades" que surgem. Pois o sistema de acusações pode ser entendido

como uma estratégia *mais ou menos conscientes* de manipular poder e organizar emoções, delimitando fronteiras (Cf. VELHO: 1981:57).

O "**Grupo Baluarte Negro**" surgiu a partir de desfiles de roupas trazidas da África. Este desfile aconteceu em 1991 quando o Cônsul do Senegal trouxe roupas deste país e convidou algumas moças para desfilá-las. O desfile inicial ocorreu no próprio consulado e um outro ocorreu na Rua 24 horas²⁵, sendo que este último foi aberto à toda comunidade curitibana. A maior parte das mulheres que tinham sido convidadas para desfilar essas roupas típicas eram manequins

²⁵ Rua 24 horas é um tipo de uma galeria comercial criada pela prefeitura e comerciantes locais, no início dos anos 90, cujos estabelecimentos devem permanecer abertos 24 horas por dia. A Rua 24 horas passou a ser um ponto de encontro para atividades culturais e sociais da cidade de Curitiba.

e todas elas eram negras e a partir daí começaram a fazer desfiles e apresentações de danças como um grupo organizado.

Estes desfiles tiveram um grande sucesso e as pessoas que assistiam demonstravam surpresa - conforme informou uma participante do grupo -

"Uma pessoa que assistiu ao primeiro desfile me disse que imaginava sempre que as mulheres negras estavam nos bordéis. Isto passou a nos preocupar muito: será que a maioria das mulheres negras estavam nos bordéis ou esta era uma forma com que estão sempre nos encarando?" (REGINA, Baluarte Negro).

Por isso essas mulheres resolveram, após os primeiros desfiles, dar continuidade a um grupo de mulheres negras manequins para mostrar que elas poderiam "desempenhar muito bem este papel" e atuar

"trabalhando a questão do estereótipos e da valorização da mulher negra. Aí foi organizado e no dia 25 de junho de 1991 nós fizemos o lançamento do Ia Acobiodé, que era o nome antigo do (Grupo) Baluarte Negro" (IDEM).

No início o Grupo **Baluarte Negro** não aceitava mulheres não negras, mas não havia também nada explícito. Com o passar do tempo a identidade do grupo foi melhor definida neste ponto:

*"O **Baluarte** é uma organização de mulheres negras onde as mulheres brancas podem participar, mas elas devem estar cientes que vão ser discutidas ali as questões do racismo, como ele se dá, e esse processo todo" (FÁTIMA, Baluarte Negro).*

Portanto o **Baluarto Negro** é um movimento de mulheres, em sua maioria negras, que se reúnem periodicamente nas casas das componentes e preparam apresentações de desfiles e danças sempre que surge a ocasião. Eu mesmo tive o primeiro contato com o grupo a partir de uma apresentação de dança no Museu Paranaense, em Curitiba, no dia 13 de Maio de 1993.

O "**Grupo Consciência Negra**" existe também em Curitiba já há mais de 15 anos. No começo surgiu ligado à Igreja Católica, mas depois, sentindo-se um pouco tolhido em suas propostas, e não devidamente apoiado pela Igreja tornou-se um grupo independente e tem estado presente nos diferentes momentos da luta contra a discriminação do negro na Cidade de Curitiba.

Este grupo mantém uma coordenação local que participa de eventos ligados aos movimentos sociais negros em todo o Brasil. No momento não são realizadas reuniões periódicas, mas apenas ocasionalmente. Num evento organizado por eles, uma feijoada, percebi a presença forte dos participantes do grupo **Baluarto Negro**, o que demonstra uma inter-relação entre esses dois grupos, ou ao menos sociabilidade entre seus membros.

Membros de outros grupos definem o **Consciência Negra** como um movimento negro de Curitiba que valoriza as religiões Afro-brasileiras, principalmente o candomblé, como um elemento fundamental da "identidade afro". E de fato a feijoada realizada pelos membros tinha por objetivo construir

uma "casa de axé", no dizer de uma pessoa presente, se referindo ao barracão que já estava bem avançado em construção.

Um terceiro grupo é a **ACNAP**, Associação Cultural de Negritude e Ação Popular. Seus membros se denominam **APNs** - *Agentes da Pastoral do Negro*. Este grupo tem vínculo com a Igreja Católica sem ser controlado especificamente por seus ministros. Pareceu-me marcante neste, mais que nos outros grupos, uma posição político-partidária de esquerda, pois mantém relação com o Partido dos Trabalhadores. A **ACNAP** é organizada em "quilombos". O " *Quilombo Central*" é a organização em âmbito nacional. Depois existem "quilombos" para cada região do Brasil, como o " *Quilombo Sul*" ao qual pertencem os membros da **ACNAP** de Curitiba.

O fato da ACNAP usar o termo quilombo, que é uma clara alusão à resistência e luta dos escravos negros por liberdade no Brasil escravista, insere este movimento no número daqueles que aceitam **Zumbi** como referência e que querem uma afirmação da identidade negra passando pela **recusa** da sociedade branca racista, como será visto adiante.

A **ACNAP** é, o movimento social negro mais bem organizado pois além de se inserir em movimentos nacionais, consegue manter, por exemplo, uma sede alugada numa sala de um dos prédios da Alameda Muricy, no centro de Curitiba

A **ACNAP** curitibana está organizada em "grupos de base", compostos por pessoas não necessariamente negras, que

realizam trabalhos sociais e de educação popular em determinadas áreas da cidade. Sem dúvida aqui se percebe que a ACNAP está assumindo uma organização paralela à existente nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Existem "grupos de base" em Campo Comprido, Pinhais, Xapinhal e em outras áreas. Dentre os "grupos de base" o **Canaambo** é o mais atuante.

Canaambo é o "grupo de base" do Xapinhal, uma área que foi ocupada irregularmente há uns 5 anos, na região do Sítio Cercado[65] em Curitiba²⁶, onde hoje está situada a "Comunidade Nossa Luta". O **Canaambo** é um grupo de dança e "consciência negra" sendo que, o próprio termo significa "coisa de negro", segundo sua líder.

As visitas feitas ao **Canaambo** se tornaram uma experiência muito interessante. Foi muito agradável chegar em uma área extremamente pobre e encontrar um grupo de meninas adolescentes, orientadas por algumas mulheres, formando um grupo de dança, ensaiando num espaço físico precário, mas com um nível artístico excelente e com uma linguagem bastante elaborada e típica dos movimentos negros.

Assim é o **Canaambo**: surgiu há uns 4 anos sob a liderança de uma mulher negra do local, que é uma das coordenadoras da ACNAP em Curitiba, e hoje é coordenado por várias mulheres.

²⁶ Sítio Cercado[65] é um bairro paradigmático em Curitiba por ser um dos mais distantes do centro e ser considerado exemplar no sentido de integrar diversas áreas de ocupação num projeto de urbanização que deu certo.

As adolescentes, dentre as quais há algumas brancas, mas todas moradoras do Xapinhal²⁷, se apresentam como um grupo de dança que "valoriza o negro". O grupo monta a suas próprias peças de teatro e danças. Ele já realizou várias apresentações para a comunidade local, como também para outras comunidades da Região Metropolitana de Curitiba e até para uma cidade do interior do Paraná.

O "grupo de base" da ACNAP de Pinhais [Região Metropolitana], vem desenvolvendo atividades culturais e de educação popular junto com a Igreja Católica local. Na "Primeira Quizomba²⁸ Afro de Pinhais", realizada no dia 13 de Maio de 1995, esse "grupo de base" promoveu teatro, dança e música "afro", onde se apresentaram grupos como o "xirê", o "arte negra" e o "canaambo". A "quizomba" fora realizada no salão da Paróquia do Bairro Maria Antonieta, e teve seu início com a entronização da imagem de São Benedito²⁹, durante a celebração de uma missa e se estendeu até o final do domingo.

Durante esse evento várias personalidades receberam o "cargo" de padrinhos de São Benedito, com o compromisso de "zelar da imagem", segundo o sermão do padre, e "lutar contra a discriminação do negro em nossa sociedade". Os "padrinhos" eram pessoas de algum destaque no bairro. Dois deles eram

²⁷ Xapinhal aqui é uma pequena área de ocupação, situada no bairro de Sítio Cercado, que está inserida no mesmo processo de urbanização.

²⁸ "Quizomba", segundo alguns informantes, significa "festa".

²⁹ São Benedito é negro e padroeiro dos empregados domésticos.

políticos, três comerciantes, alguns líderes religiosos e, é claro, nem todos eram negros.

O **SENUN** - "Seminário do Negro Universitário" - iniciou como seminários reunindo universitários de cor em âmbito nacional. Posteriormente, esses jovens passaram a se organizar em suas respectivas cidades envolvendo outros estudantes negros já inseridos na universidade ou que pretendem ingressar no ensino superior. Alguns líderes negros, pertencentes a outros movimentos sociais de Curitiba eventualmente participam desses seminários e agora estão tentando realizar, em conjunto com outros "grupos negros" também em Curitiba, um trabalho mais sistemático do SENUN local, que passa a ser independente de outros movimentos nacionais.

Um outro movimento, segundo informações, agora extinto, o **AFRO-NEGRO**, publicava regularmente uma revista "**AFRICAXÉ**". Não consegui identificar nenhuma pessoa que tivesse pertencido ao grupo. Mas através da análise de alguns exemplares da revista "**AFRICAXÉ**" posso dizer que a publicação pretendia proporcionar um maior conhecimento da realidade do negro no Brasil com um certo destaque para a Religião do Candomblé. Os exemplares analisados traziam artigos tais como "Capoeira: resistência negra", "Morreu o Rei do Candomblé", "Candomblé - Ritual e Tradição", "Manhas e mandingas - Oxalá", "Os negros e a marginalização social", trazia também propaganda de grupos de música negros e até um convite para

um "Curso de Introdução ao estudo da Cultura Afro-brasileira" (Cf. **AFRICAXÉ**, 1992, n.3)³⁰.

Ligados às atividades religiosas, das assim chamadas "**religiões afro-brasileiras**"³¹, principalmente candomblé e umbanda, é possível constatar muitos grupos em Curitiba. No entanto nem todos os fiéis dessas religiões são negros. Por outro lado muitos negros frequentam outras religiões que dissociam completamente a identidade negra da questão religiosa. Por exemplo, os negros que pertencem a algumas igrejas protestantes rejeitam por completo a idéia de que sejam mantidas as religiões afro-brasileiras como elemento da cultura negra.

Como foi dito antes, nesse trabalho não se pretendeu estudar amplamente a religiosidade dos negros. Mesmo assim, foi possível identificar grupos que valorizam a religião como parte importante da "*expressão do negro*". Principalmente entre os candomblecistas existem muitos líderes religiosos que se tornam também líderes dos movimentos sociais negros e fazem questão de manter, divulgar e promover o candomblé como um elemento na construção da identidade do negro. Uma das

³⁰ A Revista Africaxé , sob a direção de Glauco Souza Lobo, segundo informante, só circulou poucas edições, entre os anos 1991-1992. Outros números da revista analisada, além do citado no texto, também colocavam a religião como um tema central.

³¹ Mesmo autores que fizeram um trabalho especificamente no campo religioso reconhecem que o termo "afro-religioso" tem sido objeto de crítica, mas continua sendo usado por falta de outro termo mais adequado entre os termos alternativos, como "cultos negros", "religiões negras", "cultos de possessão" (CF.DANTAS, 1988: 19).

principais líderes do grupo **Consciência Negra**, fala da necessidade do candomblé ser aceito publicamente em Curitiba.

Mais relacionada às atividades que são historicamente vinculadas aos negros encontra-se também a capoeira, como veremos no final deste capítulo. São inúmeros os grupos de capoeira na cidade de Curitiba, e mesmo que a grande maioria dos participantes das "academias de capoeira" sejam brancos, muitas dessas "academias" fazem questão de cultivar a capoeira como *uma "dança, arte, música e luta que tem a marca africana"*.

Existem ainda vários grupos negros que se aglutinam em torno da arte, principalmente música e dança tais como o "**Grupo Utamaduni**", "**Arte Negra**" e o "**Grupo Xirê**".

Este último se destaca pela importância que dá ao vestuário. O "**Grupo Xirê**" é um grupo de dança e música formado por um alfaiate, sua irmã, uma dançarina, e alguns amigos. Para este alfaiate, com seu atelier situado na Vila Hauer[38], é importante conciliar a profissão e a identidade "negra", por isso tenta criar modas que "resgate esta identidade negra". No momento, as apresentações de danças e desfiles têm sido a oportunidade para ele apresentar o seu trabalho, mas ele gostaria mesmo era de produzir isso comercialmente, conforme ele afirma

"meu sonho seria trabalhar só com o vestuário Afro"
(MARCIO, Grupo Xirê).

Ele tem consciência de que os negros de Curitiba dificilmente aceitariam usar no dia a dia roupas tipicamente "africanas":

"A amarração de roupas, deixando parte do corpo nu não seria aceito pelo negro curitibano, até mesmo por causa do frio" (IDEM).

Por isso ele entende que seria necessário criar uma "Afro-Sul-Modas", ou seja uma roupa "Afro" adequada à realidade do Sul do Brasil. Isto seria como introduzir apenas um pequeno detalhe na roupa do dia a dia, mas que falasse da "Identidade negra". Um pequeno detalhe o negro curitibano "que não tem ainda muita consciência", seria capaz de usar. O termo "**xirê**", que significa, segundo o próprio grupo, "a força da invocação dos Orixás", se torna a inspiração para que o grupo possa "resgatar" aquilo que eles consideram realmente "Afro". No momento eles identificam a roupa "Afro" pela presença de "desenhos geométricos", pelas cores fortes, pela "amarração" e pelo excesso de pano usado na confecção". Mas o importante mesmo é "o resgate da cultura Negra, a forma nós vamos descobrir", afirma o líder do grupo, ou seja, não importa de fato a origem, mas o significado dado.

Em resumo, foi possível mapear em Curitiba diversos grupos e movimentos sociais negros como o grupo de mulheres **Baluarto Negro**, o grupo de Agentes de Pastoral do Negro, aqui chamados de APNs que é a **Associação Cultural de Negritude e Ação Popular** com seus "grupos de base", como o **Canaambo**, o **SENUM**, o grupo da **Consciência Negra**, os grupos

ligados à diferentes religiões, as diferentes academias de **Capoeira**, os grupos de dança ou música caracteristicamente negros.

Embora seus objetivos e sua prática os diferenciem é possível afirmar que os negros de Curitiba estão participando de um mesmo movimento social relativo à construção de sua visibilidade na cidade, a partir da (re)construção e resgate da identidade negra através da arte, da religião e da africanidade. Num esforço de afirmar, reiventar ou construir uma identidade negra. Africanidade entendida como uma referência à África mítica, mais como elemento simbólico que aponta para a origem comum dos negros do que a África real e atual, visto que quase a totalidade dos negros desconhecem a realidade africana atual.

Esses movimentos sociais negros se tornaram o eixo central de meu trabalho, permitindo identificar a dinâmica de parte da população de cor curitibana que "tornam-se negros", se inserem em movimentos sociais, dão a esses movimentos uma dimensão "étnica" na busca da reconstrução de uma "identidade negra" que objetive a construção da "visibilidade" do negro em Curitiba.

2. CONCEITUANDO MOVIMENTOS SOCIAIS

Os primeiros autores (CASTELLS, 1973, e BORJA, 1975) que estudaram os movimentos sociais urbanos mostraram que a eclosão desses movimentos revela contradições mais profundas

surgidas no capitalismo e no processo de urbanização. Apontando de um lado, para o crescimento do capitalismo, paralelo ao crescimento dos movimentos operários e democráticos e de outro, para uma pressão pela melhoria dos equipamentos urbanos.

Segundo Nunes, os que primeiro estudaram os Movimentos sociais urbanos, apontam para o fato que

os movimentos urbanos só se convertem em movimentos sociais na medida em que conseguem converter-se em componentes de um movimento político que controverte a ordem social (NUNES, 1978:303).

A partir exatamente dessa conversão os movimentos sociais urbanos teriam levado à algumas consequência políticas tais como a "organização de setores populares na defesa coletiva de seus interesses", campo para a formação de alianças de classes e "colocação de alternativas políticas e sociais" e por fim "constituíram fator importante de crise de certas formas políticas" (Cf. NUNES, 1978:306)

Desta forma uma questão básica dos movimentos sociais, é a oposição ao Estado.

Ruth Cardoso identifica três elementos que devem fazer parte de um conceito de movimentos sociais urbanos, ou seja: o fato de serem **novos**, com acentuado "caráter de resistência à dominação vigente", isto é, são **anti-Estado**, e por isso

trazem para a cena política uma nova potencialidade de **transformação** das estruturas de dominação (Cf. CARDOSO, 1987: 28)

Um dos traços comuns identificados nos movimentos sociais é a ação comunitária mesmo que se entenda comunidade aqui como "comunidade de interesse" sem que seja negada a heterogeneidade de seus componentes. Este aspecto "comunitário", democrático, como modo de organização do movimento, serve para a distinção entre movimentos sociais e outros movimentos urbanos, como os políticos, ou religiosos. Os primeiros seriam autônomos e os últimos cooptados (Cf. CARDOSO 1987, 34).

Um dado extremamente interessante foi apontado por Jacobi ao afirmar que a

análise dos movimentos sociais não se restringe apenas àqueles que apresentam uma base nitidamente popular urbana, na medida em que os problemas decorrentes das transformações no modo de vida afetam não só a população mais pauperizada, mas também outros grupos sociais, gerando, por exemplo, o movimento ecologista, o movimento homossexual, o movimento negro, o movimento feminista (JACOBI, 1987, 23).

Alguns autores ponderam a polarização Estado/movimentos sociais assumida por outros como excessiva. Mostrando que nem sempre este é o elemento predominante. Esta ponderação é relevante na análise dos movimentos sociais negros, pois pode-se dizer que esses movimentos não polarizam unicamente com o Estado visto que objetivam uma transformação de toda uma sociedade, não só política, mas também social e culturalmente "racista".

Os grupos negros curitibanos estudados, apresentam estas duas dimensões. Num primeiro momento se articulam como

movimentos sociais urbanos que reivindicam seus interesses frente ao Estado, ou seja a municipalidade, e depois se articulam na luta contra o racismo num sentido amplo. Lutam pela construção de uma sociedade brasileira menos racista e por garantir em Curitiba a visibilidade dos negros diante dos políticos locais e das atividades que dão visibilidade a outros grupos-étnicos.

Outro aspecto importante destacado nos estudos dos movimentos sociais é a freqüente necessidade de um "evento mobilizador", ou seja, de uma "pressão externa" para que os movimentos possam intensificar sua "luta" (CF. SANTOS, 1977:57). Esta "pressão externa", num movimento de bairro pode ser a ameaça de remoção de uma população, ou o excessivo aumento de um imposto como o IPTU³², que provoca uma intensificação nas atividades dos movimentos.

Nos movimentos negros este "evento" que provoca uma maior mobilização e aumento de atividades pode ser um incidente, como um ato racista praticado contra uma pessoa negra, ou a celebração de algum evento histórico. Por exemplo, conforme mostrado em MAGGIE (1989:7) chegou-se a 1702 registros de "eventos" por ocasião da celebração do Centenário da Abolição, é claro, que nem todos realizados por movimentos negros. Também a celebração dos 300 anos da morte

³² IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano. Em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba, o excessivo aumento do IPTU no ano de 1995 provocou manifestações com milhares de pessoas frente à Prefeitura Local.

de Zumbi dos Palmares catalizou um grande número de atividades.

Os movimentos de luta dos negros ao longo da história no Brasil produziram dois símbolos diferenciados: **Zumbi** que representa os movimentos negros que querem uma afirmação da identidade negra passando pela **recusa** da sociedade branca racista; e Henrique Dias os que pregam a **inserção** do negro aceitando as regras do jogo imposto pela sociedade branca. Enquanto Henrique Dias é "o preto de alma branca" que ajudou na destruição de Palmares, Zumbi é o herói da resistência. "Zumbi é o que recusa" e por isso é exatamente o símbolo dos movimentos que desejam uma mudança na sociedade discriminadora (Cf. RUFINO, 1988:11).

Em Curitiba a celebração dos 300 anos de fundação da cidade serviu como "evento mobilizador" de grupos e movimentos sociais negros. Diante de uma "pressão externa" que desvalorizou a presença do negro, houve uma reação dos negros no sentido de afirmar e reconstruir sua visibilidade e identidade.

3. "PAGO IMPOSTO, LOGO EXISTO"

Negros de Curitiba, principalmente os que fazem parte de movimentos sociais organizados, diante do discurso da "não existência de negros" na cidade, tentam uma reação buscando as evidências de sua presença, ou seja, assumem conscientemente um esforço de construção da sua visibilidade.

Para alguns não seria necessário

"que o negro ficasse batendo (insistindo) que ele existe pois ele paga imposto, ele está lá, ele mora e ele é visto nas campanhas políticas" (JOSÉ, ACNAP).

Entretanto importa reafirmar "provas" da existência de negros na cidade - "pagar imposto", "morar", participar das "campanhas políticas". Em suas reivindicações e no adiantamento dessas "provas", meus informantes destacam os principais interlocutores, mostrando que se mobilizam em movimentos sociais, polarizando sua ação contra o Estado. Parece claro, de outro lado, que se a negação de sua presença estivesse no plano social apenas, seus argumentos seriam outros.

Mas não. São contra os poderes públicos que se articulam as mais fortes contestações dos negros, pois é neste plano que eles reconhecem a existência de ameaça. Por sua vez, pode-se dizer que como os negros curitibanos constroem sua militância tendo o Estado como principal alvo, eles esperam que este seja o primeiro a reconhecer e legitimar sua visibilidade.

Esta visibilidade frente ao Estado será buscada e valorizada de diferentes modos. Alguns negros reconhecem que a Câmara Municipal de Curitiba tem sido mais razoável com eles do que a Prefeitura e tem atendido algumas de suas reivindicações como reconhece uma líder:

"A Câmara Municipal é mais sensível do que a Prefeitura. Foi da Câmara que nós conseguimos, em 1988, aos Cem Anos da Abolição (da escravatura no

Brasil), *uma placa na Praça Santos Andrade com os nomes das pessoas que mais contribuíram com a luta do negro em Curitiba*" (JOSÉ, ACNAP).

Neste contexto conseguir uma placa numa das praças centrais da cidade é bastante significativo como prova de que o Estado reconhece que existem negros em Curitiba e que estes "lutam" por seus interesses. Mas só a placa não bastaria. Eles também conseguem uma praça própria, a Praça Zumbi dos Palmares. Como foi visto, anteriormente, para muitos esta foi uma conquista irônica, porque sendo situada em bairro da periferia parece marcar o lugar que Curitiba reserva para os negros.

De modo geral, órgãos oficiais não reconhecem o negro no universo social curitibano e poder-se-ia dizer que esta é uma forma de negar a sua cidadania. Por sua vez, reações sociais de "grupos negros" diante dos festejos dos 300 anos da cidade, ainda que não trouxessem resultados imediatos, provocaram mobilizações dentro dos grupos, comunitária ou individualmente, atestando que negros existem e fazem parte da população local.

Os dados do IBGE, apresentados na introdução, são claros. O Paraná não é o Estado brasileiro que conta com a maior percentagem de negros e mulatos entre os seus habitantes nem Curitiba poderia ser designada a capital "morena" do país. Todavia reduzir cerca de um quinto da população à situação de não-existente, de invisível, e dizer que sua influência na formação da sociedade paranaense é

igual a zero, atende a bem outros objetivos e esconde, sem dúvida, o preconceito e ideologia de um determinado segmento da elite paranaense e curitibana querendo valorizar, e não raro superestimar, alguns segmentos da sociedade em detrimento dos negros e mulatos.

Dessa forma percebe-se que a não aceitação dos negros nos festejos de comemoração dos 300 anos da cidade de Curitiba, realimenta o mito da sua ausência na cidade, confirma a discriminação por eles sentida, reforça sua invisibilidade cultural e aponta para o não reconhecimento da plena cidadania das pessoas negras na cidade.

Movimentos sociais negros, em sua diversidade, parecem formar um todo, no que diz respeito a seus objetivos. Vários líderes destes movimentos reconhecem que o seu âmbito de ação é limitado e que os outros complementam seu esforço. Um deles fez questão de catalogar alguns movimentos com suas respectivas áreas de atuação:

"A ACNAP, marca a presença do negro dentro da Igreja Católica, A Consciência Negra marca a presença do negro dentro das religiões Afro, vários grupos de dança atuam na área cultural, o Baluarte Negro representa a luta das mulheres..." (JAIR, ACNAP).

Os diferentes movimentos se opõem e se complementam. Tensões e acusações marcam seu cotidiano. Entretanto há o reconhecimento da importância da unidade para alcançar objetivos comuns: o fim da discriminação, o reconhecimento da importância do negro, sua identidade própria e em última

instância a sua **visibilidade** no contexto multiétnico de Curitiba.

No entanto essa unidade não foi aconteceu e a não-articulação dos diferentes movimentos sociais negros impediu a mobilização de todos quanto a reivindicar espaço nas comemorações e/ou conseguir equipamentos que marcassem sua presença na cidade. O inverso ocorreu com os outros grupos étnicos, que, unidos, exerciam pressões significativas e garantiram sua visibilidade, como foi demonstrado pelas outras pesquisas do Projeto Integrado, citado na introdução (Cf. COSTA, 1996; FELDMAN-BIANCO, 1993; KLUGE, 1996; MOREIRA, 1995; TEODORO DA SILVA, 1995).

4. "NÓS, OS BRASILEIROS".

Existem várias atividades, como danças, artes e outras manifestações que são reconhecidas como "negras" pela origem ou pela cor dos participantes e por isso são discriminadas. A capoeira é uma dessas atividades.

Segundo meus informantes, a capoeira é uma atividade discriminada por ser tipicamente "brasileira" enquanto as atividades, danças, cantos "estrangeiros" passam a ser valorizadas. Esta valorização dos grupos folclóricos³³, ditos "europeus", em detrimento dos grupos de capoeira,

³³ "Grupos Folclóricos" é designação genérica para grupos de dança, canto... Eles dominaram as celebrações - presentes em quase todos os eventos.

"brasileiros", é notada em diversos momentos pelos capoeiristas.

"Existem vários campeões de capoeira no Paraná, no entanto você nunca se viu na TV um Bicho do Paraná capoeirista" (MESTRE JOÃO, Academia Mestre Sergipe). Observa alguém, começando a enumerar os diversos modos e momentos em que a discriminação é vivida concretamente. De fato, alguns mestres de capoeira curitibanos já têm renome internacional e, no entanto, suas atividades são pouco divulgadas pela imprensa local.

Tive a oportunidade de acompanhar o *"Primeiro Encontro de Mestres de Capoeira do Brasil"* realizado nos dias 11 e 12 de Dezembro de 1993 em Curitiba, organizada por um curitibano, que contava com a participação de grupos de capoeira de cerca de nove estados brasileiros, com seus respectivos mestres e representantes e que não mereceu destaque em nenhum órgão de imprensa local sendo apenas mencionado de passagem num único jornal. Em entrevista com o Mestre de Capoeira que organizou o evento ficaram bem claras as dificuldades encontradas pelos capoeiristas em Curitiba. Este foi um evento que não contou com qualquer apoio da administração pública local, nem de patrocínio de grupos econômicos, mas sim algo realizado às expensas dos próprios capoeiristas.

E quando perguntei ao coordenador do encontro, porque o evento não fora devidamente divulgado e coberto pela imprensa a resposta dele foi direta:

"Em Curitiba só se valoriza grupos europeus" (MESTRE FRANCISCO, Academia Muzenza).

Seriam capoeira e capoeiristas simplesmente deixados de lado, silenciados, tornados invisíveis na cidade de *"gente do mundo todo"*? Parece que a relação da Prefeitura com a capoeira e capoeiristas compreende algo mais do que ignorar ou calar a respeito. Em alguns momentos isto se torna uma decisão de querer calar, de silenciar. O governo local não apoia as promoções, e as ainda reprime; não divulga, pelo contrário proíbe. Contam que um certo prefeito da década de 1980

"tentou proibir a capoeira em Curitiba, deu ordem para a polícia prender" (RODOLFO, Academia Muzenza).

Claro que isso não se referia a uma perseguição sistemática às academias e grupos de capoeira, mas sim às apresentações de rua.

É curioso que a cidade de Curitiba venha a reeditar tal proibição que na verdade esteve em vigor por longos anos no começo do nosso século no Brasil, desde o governo do Marechal Deodoro até Getúlio Vargas, época em que toda *"roda de capoeira"* era proibida e seus participantes presos. No entanto a partir de 1937 a capoeira deixou de ser clandestina e em 1961 passa a ser reconhecida como um esporte (Cf. BURGUEÊS, 1993:87). Mas em Curitiba os capoeiristas não tiveram apenas um prefeito que tentou barrar suas atividades, pois mais recentemente a administração local continuou tentando desestimular aqueles que começaram a trazer a

capoeira para dentro do Departamento de Esporte da Prefeitura, principalmente no trabalho com as crianças e adolescentes abandonadas da cidade. Segundo informantes, a administração local qualificava, verbalmente, a capoeira como "coisa de negro" que não deveria ser apoiada pela Prefeitura de Curitiba, porque "coisa de negro" não é curitibana nem faz parte das tradições locais.

Um dos aspectos que mais chamaram minha atenção no contato com os capoeiristas foi a consciência que eles têm da capoeira como algo tipicamente "brasileiro" e, como tal, profundamente ligado à "cultura negra". Sabem eles que essa atividade não é exclusividade de negros e mulatos. Muito pelo contrário, afirmam que, desde a origem, é contra o exclusivismo, o separatismo. É aberta a todos.

De fato, grande percentagem dos capoeiristas que encontrei não eram negros nem mulatos, mas todos reconhecem e valorizam a capoeira como coisa "nossa", isto é, **brasileira**, originada entre os escravos africanos, e que "não podemos deixar de lado". Ao ser vista como alguma coisa "nossa" a capoeira seria, conseqüentemente, desvalorizada. Um Mestre afirma:

"Aqui em Curitiba o pessoal procura trazer coisa de fora ao invés de apresentar as daqui. As vezes discriminam as coisas da terra e pretendem trazer as de fora como se santo de casa não fizesse milagre"
(MESTRE JOÃO, Academia Mestre Sergipe).

E ainda:

"o brasileiro não dá valor ao que é do Brasil... o brasileiro não dá valor a si mesmo" (IDEM).

É curioso que se passe a identificar a capoeira, originada dos negros, como *"coisa nossa", "coisa da terra", "brasileira"* e, exatamente por isso, discriminada.

Não só os capoeiristas apresentam esta queixa, mas também alguns movimentos sociais negros afirmam que são discriminados em relação aos grupos *"europeus"*.

"Quando as colônias européias se reúnem para fazer as suas festas, o prefeito (de Curitiba) até vai e abre as comemorações, mas quando nós do movimento negro vamos fazer uma feijoada, uma quizomba, uma festa, aí é bagunça e quem vai é a polícia" (JOSUÉ, ACNAP).

Na fala desses informantes aparece um dos núcleos da construção da identidade negra, em Curitiba, que é o negro se auto-definindo como *"brasileiro"*, um *"nós"*, em relação a *"eles"*, os *"europeus"*, se referindo às etnias de origem européia.

É interessante notar que esta auto-identificação do negro curitibano como *"brasileiro"* veio ao encontro de afirmações de alguns autores que, analisando esta questão em âmbito nacional, mostram que

...as contradições subjetivas do ser brasileiro (por assim dizer) permitiram ao negro, em alguns terrenos importantes, simbolizar e até representar a nação (RUFINO, 88:10).

Este tema também aparece em um debate no qual Caetana Damasceno afirma que a cultura negra no Brasil foi apropriada

pelo brasileiro, seja ele negro ou não, e se tornou uma cultural nacional. Onde vários elementos dessa cultura foram

arranjados de tal maneira que deixaram de ter aquelas características da cultura negra tradicional, tornando-se característicos de uma nacionalidade: **a brasileira**" (DAMASCENO, 1986:12).

Deste modo o negro em Curitiba, do ponto de vista "étnico", passa a ser o elo da cidade com o Brasil.

QUINTO CAPÍTULO: A BUSCA DA IDENTIDADE.

"Identidade étnica, não mais do que identidade pessoal, não é dada nem inata; o modo no qual é gerada é sempre um processo psicossocial" (ERIKSON)³⁴

Diante do quadro de discriminação e negação de sua presença na cidade de Curitiba a população de cor não assume uma postura uniforme. Uma minoria apenas "*se assume enquanto negra*" e se engaja numa ou noutra forma de militância com o objetivo de mudar a sociedade discriminadora e racista. Os próprios membros dos movimentos negros reconhecem que grande parte da população negra "*se esconde*", "*tenta passar por branco*". Neste caso os envolvidos em algum movimento acusam essa maioria de não assumir a "*identidade negra*".

1.0 NEGRO SE ESCONDE.

Para vários líderes de movimentos negros de Curitiba o "*negro aqui é diferente*", que ele "*não dá valor a si mesmo, não valoriza a parte afro*".

O negro do Paraná sente um racismo mais forte que o de outros estados porque rejeita a si mesmo (JORNAL ESTADO DO PARANÁ, 31.08.91).

Esse aspecto é confirmado por outros líderes brancos que atuam com grupos negros:

"eu já fui várias vezes convidado para comemorar o dia do negro onde o próprio negro não comparece" (IRMÃ ROSALINA, Pastoral do Negro).

O 20 de Novembro, dia de Zumbi e da Consciência Negra no Brasil, valoriza um líder que, como já foi mencionado, representa o negro que rejeita a estrutura dominante como um todo. Assim, comemoração da data implica unir nacionalmente todos os movimentos negros que assumem tal ponto de vista. Festejá-la implica um engajamento em plano nacional. Entre os negros curitibanos circula a acusação de que nem todos os movimentos locais de fato assumem esta perspectiva.

Ao redor da questão também se confirma a falta de unidade entre os diferentes movimentos negros de Curitiba. Alguns movimentos lideram a comemoração do dia de Zumbi, mas outros movimentos não acompanham. E de fato no dia 20 de novembro de 1994 a ACNAP local estava promovendo uma comemoração pública na Praça Zumbi dos Palmares. Dois dias antes foi-me comunicado que a celebração não iria acontecer porque os outros movimentos não iriam participar.

Para alguns informantes a discriminação que o negro sofre passa a ser culpa do próprio negro. Afirma um líder de capoeira:

"o culpado é a própria comunidade negra, por não brigar por isso...e se acomodar... porque o negro paranaense é um negro diferente dos outros estados,

³⁴ "Ethnic idendity, no more than ego-identity, is neither given no innate; the way in which it is generated is always a psychosocial process" (Cf.ERIKSON, citado in: EPSTEIN, 87:XIII).

parece que ele tem vergonha de ser negro... aceita a inferioridade" (RONALDO, Academia Muzenza).

Evidentemente, aqui há uma generalização inadequada, visto que a heterogeneidade entre os negros tem sido ressaltada ao longo deste trabalho.

Confirma-se, assim, que mecanismos de acusação apontam para as fronteiras dos "grupos" negros de Curitiba ao mesmo tempo que tentam exorcizar as diferenças existentes entre eles. Aqueles que construíram sua identidade de **negro** como dominante acusam os que não fizeram. E as vezes alguns negros que construíram sua identidade num determinado contexto de maior inserção política acusam os que o fizeram num outro contexto. Alguns movimentos negros definem que o espaço político do negro deve ser a militância em partidos de esquerda; outros movimentos entendem que estar vinculado a partido político só atrapalha e deixam a política de lado, preferindo a inserção no meio artístico ou religioso como espaços privilegiados para a militância.

Seria realmente o negro do Paraná diferente? Ou será que ele apenas se acomoda, se enquadra dentro dos preconceitos locais para poder achar seu espaço? O que se percebe é que essa temática de acusar o próprio negro, atribuindo-lhe a culpa pela sua discriminação não é exclusividade paranaense. Vale a pena lembrar aqui a frase de Patrocínio: **"o inimigo do negro é o próprio negro"**.

Alguns líderes dos movimentos negros, por outro lado, reconhecem que, em Curitiba, *"ser negro não é fácil"* e por

isso o negro se "esconde" mais do que em outros estados do Brasil.

"Então quando a gente chega para alguém e diz que a gente faz parte de um movimento negro e pergunta se a pessoa não gostaria de participar ele se recusa 'eu não sou negro'" (OSVALDO, Consciência Negra).

Um outro afirma:

"No Paraná o negro tem muita dificuldade em assumir a sua negritude assumir a militância" (FÁTIMA, Baluarte Negro).

Estas afirmações apontam para a ligação do negro paranaense/curitibano com a do negro brasileiro em geral. Como na sociedade brasileira, o negro aqui deve "saber seu lugar", ou seja, está necessariamente inserido nas camadas sociais inferiores. Então esse negro brasileiro deve, como de fato atestam os movimentos sociais, lutar para conquistar a sua ascensão numa sociedade de classe. No entanto, como na sociedade curitibana o negro estaria ausente, o seu esforço de luta, através dos movimentos sociais, não se dá em função da conquista simplesmente de ascensão social, mas sobretudo no sentido da construção de sua **visibilidade**.

2. O NEGRO SE ASSUME: CONSTRUÇÃO DA VISIBILIDADE

Identidade étnica, num contexto multi-étnico não é a única identidade que as pessoas podem desenvolver. É apenas uma entre um número de possibilidades que pode estar disponível para elas (Cf. EPSTEIN, 1987:XIII).

À parte da população de cor que "se nega", que "se esconde", é notável o número de pessoas que se engajam em movimentos sociais, e uma condição básica para a militância é se **assumir como negro**. São os militantes desses movimentos que fazem, ou pretendem fazer, o negro "**visível**" em Curitiba. E isso se dá na medida da reconstrução de "**uma identidade negra**".

O que é entendido por identidade? Identidade não é algo inato, mas gerado através de um processo psico-social. Não é alguma coisa dada, mas construída.

No entanto, não existe uma única identidade disponível para as pessoas. Assume-se diferentes identidades conforme os contextos sociais onde se está inserido e de forma relacional. Num determinado contexto alguém pode ser pai, noutro professor, líder religioso ou ainda, membro de um grupo étnico.

Roberto Cardoso de Oliveira mostra que a noção de identidade contém duas dimensões: a pessoal (ou individual) e a social (ou coletiva) e que essas dimensões estão interconectadas. Além disso

o conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações (OLIVEIRA, 1976:5).

A Identidade étnica é construída num determinado contexto social num sistema de "oposições" ou contrastes.

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e. à base da qual ela se define. Implica na afirmação do nós diante dos outros (IDEM:5).

No caso dos negros em Curitiba é importante identificar a emergência da identidade étnica e o modo como é assumida por indivíduos ou grupos em diferentes situações concretas.

2.1 *"Nascer enquanto negro"*

A oposição negro/branco, além da questão da cor, denota diferenças culturais e sociais, por isso ninguém nasce biologicamente negro, mas "torna-se negro".

Exatamente como foi mostrado também por MAGGIE, tornar-se negro significa remeter-se à origem, construir a identidade através da origem e explicar a diferença pela cultura e pela escravidão (MAGGIE, 1988:27).

Em Curitiba "tornar-se negro" é uma premissa básica para que alguém possa participar como militante de um grupo negro.

No contexto da **ACNAP**, tornar-se negro acontece num momento especial para os APNs, momento este designado como o de "*nascer negro*" ou "*nascer enquanto negro*".

Este "*nascer negro*" se mostra como um processo:

"Há um momento que você se percebe como negro, mas tenta negar isso, você não quer ser diferente"
(FRANCISCA, ACNAP),

e culmina num momento especial.

"Nascer enquanto negro é difícil, é a tomada de consciência, quando você percebe-se como negro e se assume como tal" (IDEM).

Este nascer não corresponde a um dado biológico. É como um batismo, um nascimento para uma realidade nova que ocorre num tempo determinado da vida humana. Esse "rito de passagem" pode se dar de maneira diferente para cada pessoa. Uma informante afirmava fazer dois anos e meio que ela tinha "**nascido enquanto negra**". O que significava que aquele fora um momento especial, digno de ser retido na memória. Para ela esta "passagem" se deu quando participara de um seminário promovido por um "*grupo negro*".

"Nascer negro" tem um conteúdo bem definido.

"Eu sou negra, mas não quero desrespeito enquanto negra. Aí a gente nasce negro. Antes tudo o que eu fazia era para ser branca" (FRANCISCA, ACNAP).

Este rito de passagem corresponde a um processo, e inclui um antes e um depois de modo que as pessoas que o vivenciaram olham para outras pessoas de cor como quem está ainda vivendo um terrível conflito interno, pois antes de "*nascer Negro*" a

"pessoa nega a sua negritude e é negada a ela o direito de viver como branco" (CLÁUDIA, ACNAP).

Não importa o tom da cor da pele, "tornar-se negro" é passar por este "rito de passagem" que usualmente coincide com o engajamento em um movimento social.

Às vezes esta "passagem" é provocada por circunstâncias adversas. Uma determinada pessoa afirma que assumiu o movimento negro depois de ter sido "*humilhada por ser negra*" numa loja em Curitiba. Uma líder do "*Grupo Consciência Negra*" afirma exatamente que a maior parte dos envolvidos no grupo

se engajaram depois de terem sentido "na pele" a discriminação. Neste caso pode-se dizer que o "assumir-se como negro" se dá primeiro **em relação** e na negação de "viver como branco" e posteriormente, no caso, com o engajamento num movimento social negro. O que os impele a esta passagem é a manifestação de racismo que é mais agressiva que a invisibilidade.

Portanto, este "rito", este "drama" inicial, este "nascer enquanto negro", provocado por uma situação de relação conflituante e contrastiva com o "branco", torna-se um ponto de partida para que o negro se engaje num movimento social na busca de sua "identidade negra", ou seja, sua identidade como membro de um "grupo étnico" diferente dos grupos étnicos "europeus".

Como essa identidade não decorre apenas da cor da pele, ela tem que ser (re)construída. E como essa (re)construção se dá, no contexto particular da cidade de Curitiba, percebe-se que a (re)construção da **identidade** negra passa pelo esforço de construir sua **visibilidade**.

A cidade de Curitiba, construindo-se como cidade de primeiro mundo, como cidade "européia", reduz o negro à invisibilidade. Já o negro que busca sua própria identidade como **negro curitibano** faz o caminho inverso. Por isso ele deve "assumir-se como negro", ou seja, assumir a sua cor, militar num movimento social negro, e acrescentar à própria cor certa visibilidade social. Deste modo a questão é

polarizada: só assume a identidade de negro curitibano quem assume um movimento social. Os outros negros são vistos como alguém que "ainda não" assumiu sua identidade e por isso vive um conflito interno.

2.2 "Um pequeno detalhe na roupa"

Cada movimento social, ao seu modo, contribuindo para a mesma causa da busca de identidade e visibilidade do negro na cidade deve acrescentar à própria cor certa visibilidade social. Alguns tentam acrescentar algo à própria cor, como o "grupo xirê", que investe no esforço de produzir uma indumentária própria para o negro curitibano,

"nem que fosse uma roupa com um pequeno detalhe de Afro" (MÁRCIO, Grupo Xirê).

Para construir a visibilidade eles entendem que é preciso reforçar a **cor**. E esse reforço da cor passa pelo elemento "afro". Ou seja só a África, no caso, legitimaria o reconhecimento de que são negros. É uma volta às raízes. Não querem embranquecer, pelo contrário querem construir sua identidade negra reforçando a cor. E é mais do que cor da pele, é cor da roupa, cor da África colorida.

Este "pequeno detalhe" poderia ser uma fita no braço, algo no cabelo para as mulheres, o uso do "Ori"³⁵, um emblema, "um pano colorido na lapela de um blazer", o bolso

³⁵ O *ori* é um tipo de boné sem a pala que se usa principalmente em rituais de candomblé. Segundo um informante "o termo *ori*, na

da camisa feito com "pano afro"... E não é qualquer tecido colorido, pois

"o que caracteriza o tecido Afro é uma estampa. Na maioria das vezes é uma estampa geométrica" (IDEM).

Essa preocupação em fazer um vestuário "afro" marcado apenas por um pequeno detalhe tem o objetivo de possibilitar seu uso no dia-a-dia, em oposição ao vestuário "afro" usado em alguns desfiles, que são trazidos da África, mas que no final do evento se guarda novamente no guarda-roupa.

Procura-se produzir uma roupa que quando o negro

"sai do desfile ele use essa roupa no dia a dia e comece a mostrar: olhe isso faz parte do meu povo, isso aqui é cultura africana" (MÁRCIO, Grupo Xirê).

Tem se aqui uma clara rejeição da visão folclorizada do negro pois a roupa "afro" deve ser usada no dia-a-dia e por isso ela deve ser introduzida aos poucos, paulatinamente,

"não em função da comunidade branca, mas em função da comunidade negra que também não está acostumada a usar isso". (IDEM).

O folclore é identificado aqui com um ritual especial. Faze-se a oposição entre o folclore e o cotidiano. A própria "canga"³⁶ só passa a ser usada em desfiles ou por grupos artísticos, pois a roupa do dia a dia tem que ser algo que desperte suavemente a atenção, sem ser exuberante. Pois

língua Yorubá significa cabeça , por isso alguns dizem que o nome adequado do ori (boné) seria buba ou equeté".

³⁶ *Canga "é uma roupa (saia) que passa pelo meio das pernas, se remonta no meio das pernas e sobe para a cintura e fica amarrado dos dois lados (frente e atrás)".*

"o negro em Curitiba não aceitaria a amarração na roupa que deixa o corpo semi nu que é a roupa propriamente Afro" (IDEM) .

Como a construção da identidade do negro em Curitiba passa pela construção de sua visibilidade, percebe-se que esse esforço de acrescentar algo à cor da pele é importante. E este algo, *"nem que seja um detalhe"*, deve ter a marca *"afro"*. Sendo assim, reforçar a origem africana, querer aparecer, é uma forma de busca da visibilidade. O que significa colocar-se em oposição às teorias que afirmavam o desaparecimento do negro pelo branqueamento e em oposição à sociedade curitibana que afirma a ausência do negro.

2.3. *"Isso sim é coisa de negro"*.

O **Grupo Canaambo**, reafirma a identidade negra relacionando-a com o modo como a mulher arruma seu cabelo. E os diferentes modos de pentear o cabelo revelariam o quanto a mulher negra já assumiu ou não esta identidade.

Para meus informantes o uso do cabelo solto significa que a mulher negra ainda quer se sentir branca ou quer se relacionar melhor com os brancos, pois quando ela usa *"o cabelo solto ela se sente branca"*. Quando usa trancinha solta já significa que está consciente de sua identidade negra, pois *"a trancinha é coisa de negro mesmo"*. E quando a mulher usa a trancinha feita com o próprio cabelo colada ao couro cabeludo aí significa uma mais radical adesão à identidade

negra, pois *"o cabelo assim é mais de negro ainda"* (CLÁUDIA, ACNAP).

À consciência da identidade negra também está ligada a questão da **beleza negra**, pois

"a mulher (negra) quando usa o cabelo solto ela se sente bonita como branca" (IDEM),

e muitas delas *"não tem coragem de usar a trancinha"*.

O **grupo Canaambo** desenvolve várias atividades com adolescentes, como dança, música e grupos de estudos para que elas possam conscientemente *"assumir"* sua identidade, desenvolver a auto-estima e possam se *"sentir bonitas como negras"*. Um dos sinais de que a jovem já internalizou a identidade negra é quando ela passa a usar trancinha no cabelo. Mesmo assim muitas das mulheres que já usam a trancinha ainda

"não tem coragem de usar a trancinha grudadinha no couro (cabeludo)" (IDEM).

2.4. Feijoadas.

A afirmação e reconstrução da identidade negra em Curitiba passa muitas vezes por rituais ou encontros - alguns restritos aos grupos, outros públicos.

Ao longo da pesquisa participei de alguns desses eventos, principalmente aqueles que eram abertos ao público. Mesmo sendo organizado por membros de um determinado movimento negro acabavam atraindo pessoas de diferentes segmentos negros da cidade.

Dois desses momentos que proporcionaram maior visibilidade do negro curitibano foram realizadas em torno de feijoadas. Peter Fry demonstra que a feijoada, existente tanto no Brasil como nos Estados Unidos, é um prato originário da cozinha escrava só que no Brasil é um prato nacional e nos Estados Unidos é *soul food*.

A diferença está no significado simbólico do prato. Na situação brasileira, a feijoada foi incorporada como símbolo da nacionalidade, enquanto nos Estados Unidos se tornou símbolo de negritude, no contexto do movimento de libertação negra (FRY, 1982:47).

Deste modo a feijoada é um dos elementos da cultura negra apropriada pela cultura brasileira em geral e deixa de ser um "símbolo de fronteiras étnicas" dos negros e se transforma em "símbolo que afirma os limites da nacionalidade" e assim se converte o que era "perigoso" em algo "seguro" (Cf. IDEM: 53).

Como no contexto multiétnico curitibano o negro se afirma com "*brasileiro*" frente aos outros grupos étnicos "*européus*" a feijoada não poderia deixar de ser o prato típico dos negros, resgatada aqui como símbolo étnico e de nacionalidade brasileira ao mesmo tempo. Como a feijoada é comida de negro e portanto é a comida mais brasileira, ela se torna necessariamente o símbolo dos negros curitibanos que são mais "*brasileiros*" que os outros curitibanos.

Dada a importância da feijoada vou inserir aqui alguns trechos do meu próprio diário de campo em relação a esses eventos:

"Voltei à casa da "Mãe Lola" no sábado, dia 09 de setembro de 1994 para saborear uma feijoada. Da sala eu fui conduzido através da cozinha para uma varanda nos fundos da casa onde a feijoada estava sendo preparada e de lá para os fundos do terreno, talvez a uns vinte metros da casa num ligeiro aclive, onde a feijoada seria servida.

O local consistia de vários compartimentos em construção com as paredes já levantadas, mas sem o teto e sem o piso. Aliás esta construção era o verdadeiro motivo da feijoada conforme me havia previamente informado um participante do grupo: 'angariar fundos para a construção de nossa casa de axé'³⁷. Servir uma feijoada num local em construção poderia ser um certo desconforto, mas era um desconforto de bom grado aceito pelo grupo, pois provisório, sendo que logo haveriam de ter a casa construída e o lugar de reuniões garantido, conforme comentara alguém: 'Logo mais nós vamos ter o nosso canto garantido aqui na casa da Mãe Lola'".

Esta reunião tinha sido organizada pelo **Grupo de Consciência Negra**, mas pude identificar a presença de pessoas da **ACNAP**, do **Baluarto Negro**, bem como a presença de um candidato a deputado estadual de um partido de oposição ao governo do Estado³⁸. Tendo em vista o objetivo da feijoada, a saber, o de angariar fundos para concluir as obras de um centro religioso do candomblé é possível dizer que os que ali estavam presentes comungavam mais ou menos com a idéia da importância das religiões afro-brasileiras como um elemento importante da identidade negra.

³⁷ No caso aqui se referia à construção de um centro do candomblé.

Volto ao diário de campo na descrição de um outro evento:

*"No dia 25 de setembro de 1994, domingo, na sede do Sindicato dos Químicos estava sendo oferecida uma feijoada por um dos movimentos sociais negro mais numerosos de Curitiba, a **ACNAP**, Associação Cultural de Negritude e Ação Popular.*

Acredito que cerca de 160 pessoas compareceram a este evento. A grande maioria dos participantes eram negros, salvo raríssimas exceções, como um candidato a Deputado Estadual e uma religiosa.

*Percebia-se que, além do fato de serem militante ou simpatizantes da **ACNAP** ou de algum outro movimento negro, havia entre eles um outro elemento em comum: quase todos demonstravam, através de decalques, broches, ou conversa, que apoiavam o Partido dos Trabalhadores para as eleições gerais que haveria de serem realizadas dentro de poucos dias.*

Alí não estavam reunidos os negros pobres da cidade. A maioria com a qual conversei tinha cursado uma faculdade ou estava cursando. Alguns eram professores, assistentes sociais ou trabalhavam na área de saúde. Certamente ali se encontrava uma expressiva parte do movimento negro organizado em Curitiba".

Se nesses dois momentos de encontro promovidos pelos movimentos negros a feijoada estava presente é porque ela é um símbolo de identidade e de solidariedade dos negros. A feijoada é um ritual de comensalidade e de sociabilidade, possibilitando a união de diferentes movimentos sociais ao redor da causa dos negros, reforçando a identidade do "negro

³⁸ O Partido do governador do Estado do Paraná era, em 1994, o PMDB e o candidato a deputado presente na reunião era do PT.

curitibano" como "brasileiro" viabilizando a construção de sua visibilidade em Curitiba.

No contexto da celebração dos 300 anos da fundação de Curitiba aconteceram várias feiras gastronômicas, realizadas em vários locais da cidade. No entanto as feijoadas aqui descritas são realizadas para os movimentos sociais negros, ou seja, são fechadas e específicas. Neste contexto os negros se apropriam da feijoada, em lugar de outra comida, porque a "feijoada é comida de negro".

Tais constatações confirmam o pensamento de Peter Fry (1982), mas por outro lado o invertem. A feijoada é apropriada pelos negros porque ela é um símbolo da "brasilidade", mas no contexto curitibano, onde o negro "brasileiro" se contrói como "grupo étnico" em oposição aos grupos "europeus", a feijoada é resgatada como um "símbolo de fronteiras étnicas" ao mesmo tempo em que indentifica a brasilidade dos negros.

Mesmo concordando com Peter Fry que a feijoada no Brasil foi "incorporada como símbolo da nacionalidade" pode-se afirmar que em Curitiba existe "soul food", ou seja, em Curitiba a feijoada se tornou também "símbolo da negritude", não num contexto de libertação nacional, mas num contexto de afirmação de identidade étnica.

3.0 TEMA DA COR.

Paralelamente à problemática das diferenças raciais, a cor das pessoas assume em nossa civilização uma importância muito grande conforme apontam vários autores.

O trabalho de Oracy Nogueira, "**Tanto Preto Quanto Branco**" (1985), coloca a problemática da cor no Brasil em comparação com a mesma nos Estados Unidos. Naquele país uma pessoa é considerada negra desde que tenha um ancestral africano, independente de sua aparência física. Portanto no sistema americano ou se é preto ou se é branco, enquanto no Brasil pode-se ser "tanto preto como branco".

Na falta de expressão mais adequada, o preconceito, tal como se apresenta no Brasil, foi designado por **preconceito de marca**, reservando-se para a modalidade em que aparece nos Estados Unidos a designação de **preconceito de origem** (sem grifo no original) (NOGUEIRA, 1985:78).

Seyferth abordando este tema afirma que o trabalho de Nogueira é importante quando estabelece uma

tipologia sobre o preconceito, comparando os casos americanos e brasileiro. Qualificou o preconceito brasileiro como de marca e o americano, de origem, justamente para mostrar que, no Brasil, os critérios de discriminação são baseados na aparência (SEYFERTH, 1995: 195).

Esta autora pondera as afirmações de Nogueira mostrando que "a concepção hereditária da raça, não está ausente no Brasil" e entende que esse autor não estaria pretendendo fazer uma "dicotomia rígida". E que uma vez reconhecendo que também existe o preconceito de origem no Brasil deve se

aceitar que aqui, de fato, a "aparência vem em primeiro lugar" (Cf. SEYFERTH, 1995: 195).

É exatamente em função disso que no Brasil encontra-se uma diversidade de termos para definir a cor de uma pessoa: "negro", "branco", "moreno", "escuro", "claro", "escurinho", etc (Cf. MOEMA POLI, 1987). Pois

o sistema americano de classificação racial é baseado na origem daquele que está sendo classificado, no Brasil são as marcas exteriores o 'fenótipo' que define a sua pertença a um ou outro grupo racial... No Brasil 'tornar-se negro' ou 'passar-se por branco' é um caminho percorrido com facilidade. Pode-se ser no Brasil tanto preto como branco (MAGGIE, 1993:79).

Os termos relacionados à cor das pessoas não só variam para **indicar posição social** mas também podem variar dependendo da **relação** da pessoa classificada com a que está classificando.

Como a classificação é relacional, a categoria usada para classificar depende da cor do sujeito que classifica. Assim é que alguém é sempre mais claro ou mais escuro do que o sujeito que fala e não há 'pretos' e 'brancos' ou 'negros' e 'brancos' próximos. Essas categorias são usadas sempre para definir terceiros distantes (MAGGIE, 1993:81).

Esta mesma complexidade da questão da cor das pessoas no Brasil foi constatada em minha pesquisa na cidade de Curitiba. Como afirma um líder de um grupo negro.

"É uma coisa muito complicada, tem alguns participantes que tem a pele mais clara do que eu, cabelo crespo, e para algumas pessoas elas não são negras. Mas na cabeça delas elas são negras. Então aí

é que entra a questão da diferenciação: quem se acha negro e quem não se acha, e até mesmo o que é um negro e o que não é" (REGINA, Baluarte Negro).

Nesses casos, além da cor ser definida pela relação com outras pessoas, ela também passa a depender do fato de alguém assumir ou não a sua "identidade negra". Yvonne Maggie, tratando desta questão, fala das três maneiras de se tratar a cor no Brasil:

A oposição preto/branco denota desigualdade social e é por isso que é a oposição que se usa nos censos e levantamentos estatísticos. A oposição negro/branco denota diferenças culturais, de origem e portanto de identidade étnica. O gradiente "escuro/claro" fala da naturalidade, valoriza diferenças por contiguidade e dilui as oposições por ser racional (MAGGIE 1989:26).

Por isso afirma Comas que

"um **negro** não é um termo biológico mas indica o membro de um grupo cultural, econômico e social" (COMAS, 1970:27).

Como foi visto, "tornar-se negro" em Curitiba é condição para que uma pessoa possa realmente ser "*militante negro*", membro de um movimento social negro. Ou seja, alguém que está assumindo uma identidade cultural e étnica como **negro**, independente do tom claro ou escuro da sua pele, está, portanto, se identificando politicamente com a causa dos negros.

Até aqui a análise abordou acusações e aspectos negativos de "ser negro", mas, devo acrescentar que podem ocorrer determinadas situações em que acontece a manipulação positiva da identidade estigmatizada (Cf. GOFFMAN, 1963).

Quando ser identificado como negro passa a representar uma posição vantajosa aí se dá uma inverção pois o menor caráter pode ser suficiente para identificar alguém como negro.

Um caso que bem ilustra o argumento ocorreu quando alguns membros do SENUM³⁹ - Seminário dos Negros Universitários - passaram a apoiar jovens negros para que eles pudessem ingressar numa faculdade e a seleção desses jovens passou a ser extremamente difícil. Conclui alguém numa reunião do SENUM em Curitiba:

"Afinal ninguém tem uma maquininha para saber quem é negro e quem não é. A grande dificuldade é saber quem é negro no Brasil" (MANOEL, SENUM).

A referência a uma "maquininha" para identificar quem é negro ou não, está se referindo a um critério objetivo, físico, externo, automático que não deixasse dúvida a respeito da identidade negra. Mas esta "maquininha" não existe e isto aponta exatamente para o fato de a cor, no Brasil, ser definida em contexto **relacional**, possibilitando também uma manipulação positiva: quando ser negro venha a significar alguma vantagem.

Por fim, confirma-se que o preconceito racial no Brasil é um preconceito de marca, valorizando o fenótipo. Percebe-se que a reconstrução da identidade do negro em Curitiba passa exatamente a reafirmar as **marcas**. Além da cor da pele, são

³⁹ O SENUM - Assumindo o nome do seminário que deu origem ao movimento (Seminário dos Negros Universitários), o SENUM congregou jovens negros preparando-os para a entrada na universidade através da organização de cursinhos pré-vestibulares

acrescentados as roupas, os tipos de usar cabelo, oriundos de uma África mítica, como elementos que afirmam a identidade e constroem visibilidade.

Se o preconceito no Brasil é de marca, a identidade do negro curitibano, passa também pelo reforço ritualizado dessas marcas, como que a dizer que o preconceito só será vencido quando o negro assumir sua identidade e não na base do disfarce e da negação de sua cor.

a custos acessíveis. Estas experiências foram realizadas em São Paulo e estava-se pretendendo fazer o mesmo em Curitiba.

CONCLUSÃO.

O interesse particular pelo estudo do negro em Curitiba, que motivou esta pesquisa, percorreu o mesmo caminho que levou me à Antropologia. De 1986 a 1989 trabalhei junto com minha esposa, como voluntários, com o povo Bemba, na cidade de Kitwe, Zâmbia, África Central. O nosso trabalho com os ababemba era o de agentes sociais, apoiados pela Igreja Católica, encarregados de desenvolver e monitorar pequenos projetos comunitários e de educação de base, principalmente no campo da saúde.

Foi sem dúvida o contato com os ababemba, depois de ter vivenciado o confronto de culturas diferentes, que me despertou para a Antropologia e para a vontade de estudar negros no Brasil. Infelizmente, ao ir para a África, eu não estava equipado com o embasamento teórico da Antropologia para desfrutar melhor este contato com o "outro", que permitiria identificar melhor vários elementos da cultura bemba, como seu complexo sistema de parentesco, e a sua construção de identidade étnica, visto que os ababemba estão situados num privilegiado contexto multiétnico, que é a Província do Cooperbelt, na Zâmbia.

É notável avaliar a **visibilidade** extrema de um "estrangeiro" (abasungo⁴⁰) entre os ababemba, principalmente na Província do Cooperbelt onde os "não- africanos" não ultrapassam 5% da população. Evidentemente que não é apenas por causa da cor que essa visibilidade se dá. A maioria dos "abasungo" que atuam no Cooperbelt ocupam algum cargo de liderança ou chefia. Eles são padres, irmãos ou pastores evangélicos, técnicos nas minas de cobre, comerciantes ou grandes proprietários de terra.

A **visibilidade** da população branca na Zâmbia se dá por causa de **sua posição social privilegiada**. Enquanto em Curitiba a **invisibilidade** dos negros aponta para sua **posição social discriminada** no contexto multiétnico da cidade.

Os estudos sobre o negro em Curitiba careciam de um aprofundamento. Os teóricos que discorreram a respeito tinham apenas realizado estudos amplos, distanciados do cotidiano e que concluíram pela ausência do negro na história da cidade, ora reforçando, ora invertendo a tese do branqueamento construída em âmbito nacional. Enquanto os autores da tese do branqueamento pretendiam o desaparecimento futuro do negro brasileiro, com suas projeções racistas, no Paraná fazia-se uma leitura da história que pretendia, com suas constatações igualmente marcadas pelo preconceito, a negação de sua

⁴⁰ O termo "abasungo", na língua icibemba, significa tanto o **estrangeiro** como **branco**, referindo-se aos estrangeiros de origem não africana.

presença no passado. Construiu-se, assim, o mito da "ausência de negros em Curitiba".

Ao lado da tese do branqueamento, a sociedade brasileira elaborou a teoria da "democracia racial, e Curitiba se apresentou, mais recentemente, como a terra de "todas as gentes". A "democracia racial" mantém o negro em "seu lugar", ou seja, nos escalões inferiores da sociedade, e a cidade de "todas as gentes" reduz o negro à invisibilidade.

Nos festejos de comemoração dos 300 anos de Curitiba o mito da ausência do negro na cidade foi evidenciado, confirmando a discriminação sentida pelos negros, reforçando a invisibilidade cultural e apontando para o não reconhecimento de sua plena cidadania.

A pesquisa, que tinha em parte um cunho exploratório, revelou, a realidade do negro em Curitiba, com uma heterogeneidade até então desconhecida, e a existência de vários movimentos sociais negros. Estes "grupos" trazem presentes duas dimensões: num primeiro momento se articulam como movimentos urbanos que reivindicam interesses frente à Prefeitura e, num segundo momento, se organizam na luta contra o racismo. Em âmbito nacional lutam pela construção de uma sociedade brasileira menos racista. Em âmbito local, tentam construir sua identidade como "negro curitibano".

No contexto multiétnico, também a reconstrução da identidade de "negro curitibano" faz-se de maneira contrastiva, em relação e oposição aos grupos étnicos

curitibanos. Essa contrastividade, típica da identidade étnica, possibilitou aos negros se auto-definirem como etnia. São várias as oposições que indicam isso: **invisibilidade** versus **expressão** do negro; **coisas e gentes nossas** versus **coisas e gentes de fora; gentes da terra** versus **estrangeiros; brasileiros** versus grupos étnicos **européus**. Um **"nós"**: brasileiros, negros, versus um **"eles"**: imigrantes europeus. Tais elementos de contraste se tornaram ainda mais evidentes no quadro das celebrações dos 300 anos de fundação da cidade, onde a diversidade étnica local foi ressaltada no discurso oficial.

Há, neste caso, uma apropriação específica do termo **grupo étnico** pelos negros curitibanos. Esta apropriação do termo "grupo étnico" só foi possível a partir da organização em movimentos sociais, onde os negros realizam a sua luta que se dá, não somente em função da conquista de espaço, mas principalmente no sentido da construção de sua identidade.

A reconstrução da identidade negra em Curitiba passa pelo esforço de construir a visibilidade do negro na cidade, por isso existe o esforço de acrescentar algo à cor, "*nem que seja um detalhe*", com sua característica "*afro*". Ou seja, é uma construção de identidade negra, reforçando sua origem africana. É sempre uma África idealizada, uma cultura negra reinventada, "*resgatada*", que passa pelo detalhe "*afro*".

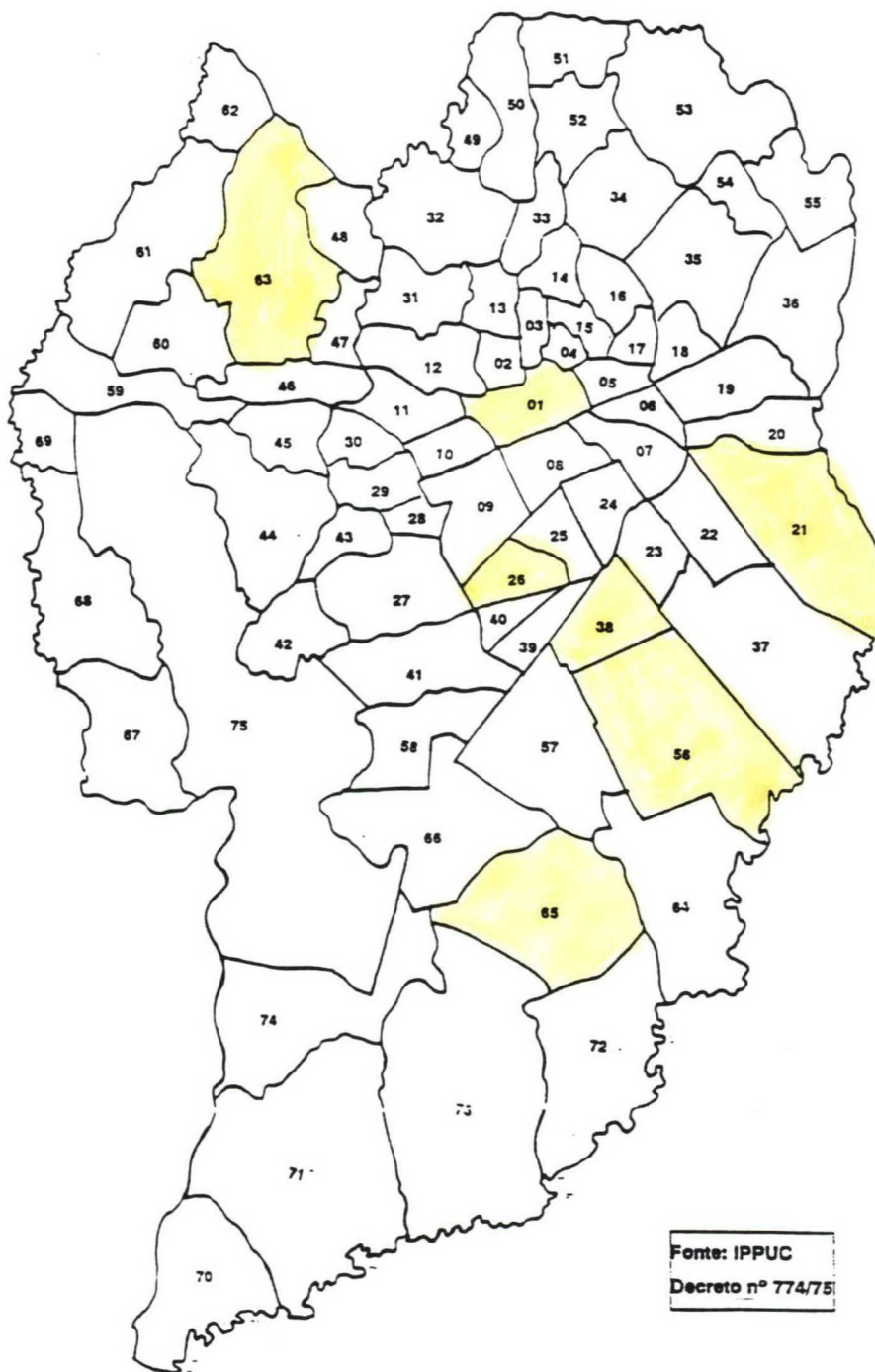
Ora o negro busca reconstruir sua identidade a partir de sua "*brasilidade*" ora a partir do elemento "*afro*". De

qualquer modo o negro curitibano vive um paradoxo, um dilema: sua **invisibilidade**. Se ele se assume "como negro" ele se torna invisível, pois em Curitiba "não há negro". Assumir a identidade é se esconder verdadeiramente. Nos 300 anos o negro, mesmo envolvido nos movimentos sociais - aceitando não participar - permaneceu invisível. Por outro lado se o negro "se esconder" ele se identifica com o curitibano, e "branquear" é também aceitar a invisibilidade.

ANEXOS

CURITIBA: Divisão dos Bairros

- 01- Centro
- 02- São Francisco
- 03- Centro Cívico
- 04- Alto da Glória
- 05- Alto da XV
- 06- Cristo Rei
- 07- Jardim Botânico
- 08- Rebouças
- 09- Água Verde
- 10- Betei
- 11- Bigorriño
- 12- Merões
- 13- Bom Retiro
- 14- Ahú
- 15- Juvevê
- 16- Cabral
- 17- Hugo Lange
- 18- Jardim Social
- 19- Tarumã
- 20- Capão de Imbuá
- 21- Cajuru
- 22- Jardim das Américas
- 23- Guabiroba
- 24- Prado Velho
- 25- Parolim
- 26- Guaira
- 27- Portão
- 28- Vila Izabel
- 29- Seminário
- 30- Campina do Siqueira
- 31- Vista Alegre
- 32- Pilarzinho
- 33- São Lourenço
- 34- Boa Vista
- 35- Bacacheri
- 36- Bairro Alto
- 37- Uberaba
- 38- Hauer
- 39- Fanny
- 40- Lindóia
- 41- Novo Mundo
- 42- Fazandinha
- 43- Santa Quitéria
- 44- Campo Comprido
- 45- Mossungué
- 46- Santo Inácio
- 47- Cascatinha
- 48- São João
- 49- Taboão
- 50- Abranches
- 51- Cachoeira
- 52- Barreirinha
- 53- Santa Cândida
- 54- Tingui
- 55- Atuba
- 56- Boqueirão
- 57- Xaxim
- 58- Capão Raso
- 59- Orleans
- 60- São Braz
- 61- Butistuvinha
- 62- Lamenna Pequena
- 63- Santa Felicidade
- 64- Alto Boqueirão
- 65- Sítio Cereado
- 66- Pinheirinho
- 67- São Miguel
- 68- Augusta
- 69- Riviera
- 70- Cashimba
- 71- Campo de Santana
- 72- Ganehinho
- 73- Umberá
- 74- Tatuquara
- 75- Cidade Industrial



ANEXO 2 - MAPA CENTRAL DE CURITIBA



CENTRO

CIVICO

JUVEVE

ALTO DA GLORIA

HUGO LANGE

JARDIM SOCIAL

MERCES

SAO FRANCISCO

ALTO DA RUA XV

TARUMA

CENTRO

CRISTO REI

CAPA DA IMBUIA

BATEL

REBOUCAS

JARDIM BOTANICO

CAJURU

AGUA VERDE

PRADO VELHO

JARDIM DAS AMERICAS

SAO ISABEL

PAROLIN

GUABIROTUBA

10 11 12 13 14 15 16 17 18 CENTRO

ESCALA 1:10 000

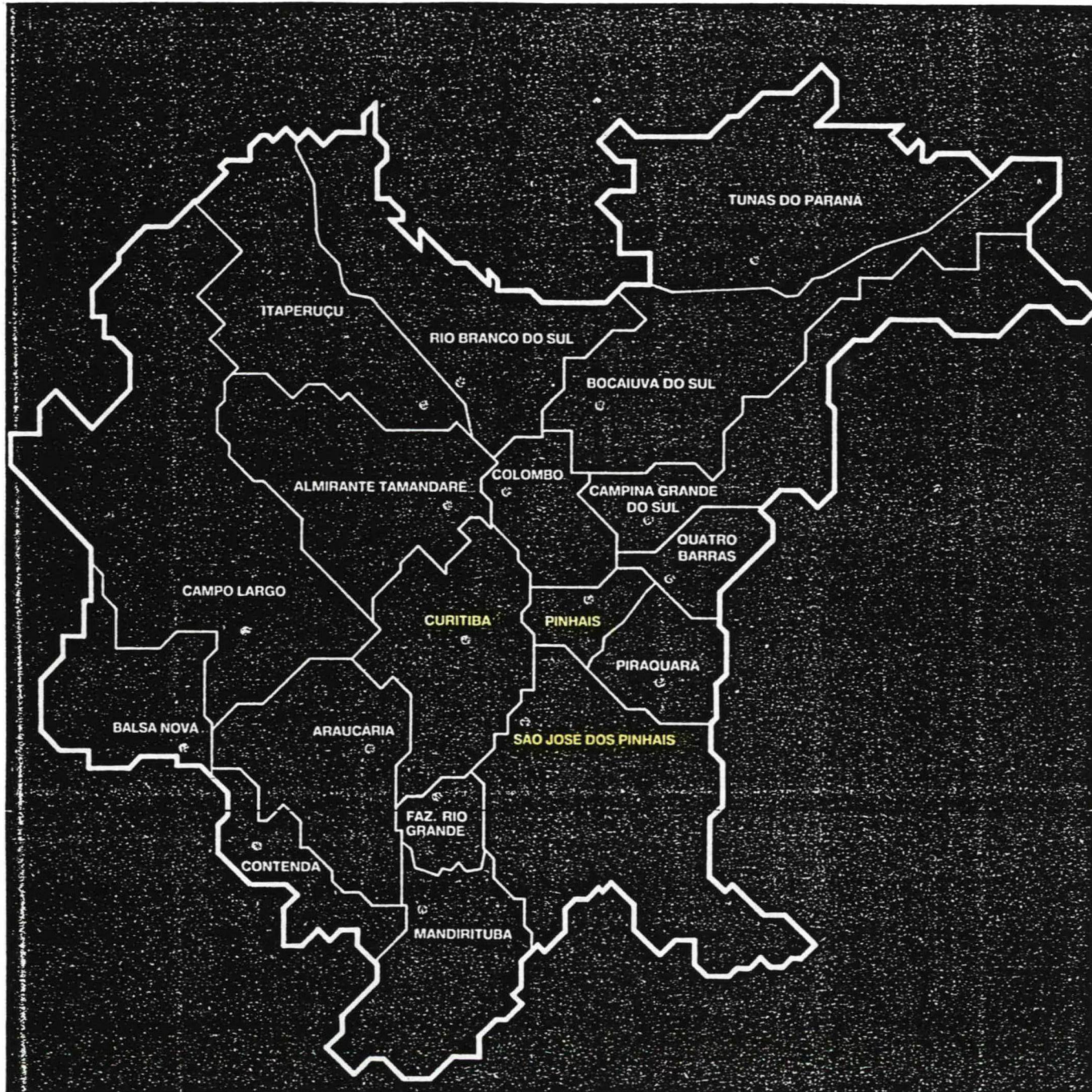
BARRIO: MERCES, AGUA VERDE
 ZONA: CENTRO, BATEL
 BARRIO: REBOUCAS, PAROLIN
 BARRIO: JARDIM SOCIAL, JARDIM BOTANICO



INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO
 URBANO DE CURITIBA
 IPPUC

ATUALIZAÇÃO 93

ANEXO 3 - MAPA DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA





ANEXO 4

Curitiba, 17 de março de 1993.

A(o)

DIRLEIA MATHIAS
GRUPO CULTURAL BALUARTE NEGRO
R. Emilio Zolá, 191

Curitiba-PR

Prezados Senhores:

Curitiba completa 300 anos de fundação em 29 de março próximo. Uma cidade é um cenário da vida coletiva. Faz-se de gente, ou todas as cidades seriam praticamente iguais.

Dentro das comemorações dos 300 anos de Curitiba, queremos mostrar, num grande desfile marcado para o dia 29 de março, o que faz o diferencial de Curitiba: seu grande corpo humano, a mistura étnica que, sem exagero, faz com que cada habitante desta cidade sintetize, em si, o mundo inteiro.

O desfile, na Marechal Deodoro, entre João Negrão e Dr. Muricy, contará de forma viva e didática a história de Curitiba, desde que os índios preados e os colonizadores portugueses fuscavam ouro no leito dos rios, à sombra do pinheiro-símbolo e sob a proteção da padroeira, Nossa Senhora da Luz.

Das velhas trilhas do litoral ao planalto, os caminhos do Arraial, do Itupava, da Graciosa, Curitiba foi se tornando importante na geografia econômica, na ocupação humana, na geopolítica do Paraná. A grosso modo, pode-se dizer que o século XVII dos primeiros povoadores teve desenvolvimento, no século XVIII, com os tropeiros, que abriram novos caminhos na rota do gado do Rio Grande do Sul (Viamão) para São Paulo (Feira de Sorocaba). Gado internado nos "Campos de Curitiba", transformando fazendas em vilas, estimulando o comércio da vila de Curitiba

O século XIX foi profundamente marcado pela chegada dos imigrantes europeus, em massa. Primeiro os alemães, em 1833, seguidos dos poloneses (1871), italianos (1878), ucranianos (1895 na região do Bigorriho). A história da ocupação urbana está profundamente ligada aos europeus que vieram

"fazer a América" em Curitiba. A eles se deve o sistema de pequenas propriedades delimitadas por cercas; o arado e novas culturas e técnicas agrícolas; a carroça sem toldo dos italianos e com toldo dos eslavos. Os imigrantes influenciaram na arquitetura, no associativismo, na religiosidade, nos usos e costumes, nas festas, na dança e na música, na culinária, nas tradições.

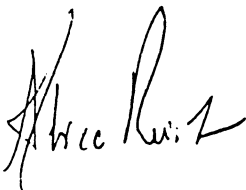
A saga dos imigrantes, até a adaptação à nova terra, é parte muito importante da história de Curitiba. Porque esta é uma terra de todas as gentes. De índios, portugueses, negros, caboclos, imigrantes chegados em levas, imigrantes que chegaram sós ou em pequenos grupos. A face de Curitiba se faz também dos chegados neste século XX, ou pouco antes: franceses, suíços, ingleses, judeus, sírios, gregos, libaneses, árabes, japoneses, chineses, coreanos. Gente que faz de Curitiba uma cidade tão peculiar. Gente que valoriza as próprias raízes e a aculturação, em busca da identidade, da alma coletiva que habita o espaço urbano da cidade.

Curitiba é modelo de planejamento urbano e foi premiada internacionalmente por seus programas relativos ao meio ambiente. Isto porque o planejamento é global, integrando funções e serviços urbanos. Um planejamento voltado para o homem, porque é o homem quem dá vida à cidade.

Vamos festejar juntos os 300 Anos de Curitiba. Vamos contar a história desses 300 Anos de vida comum. Porque é inegável a necessidade de memória. Porque comemorar é conhecer.

Contamos com sua participação e ficamos à disposição para esclarecer detalhes, através da Comissão Organizadora, Sr.(a) Elisa Córdova
telefone 253-5359/322-1525
endereço Praça Garibaldi nº 07. ramal: 269/239

Saudações Curitibanas



Alice Ruiz
Presidente da
Fundação Cultural de Curitiba



Rafael Greca de Macedo
Prefeito Municipal de Curitiba

ANEXO 5 - CARTA-RESPOSTA DO GRUPO BALUARTE NEGRO À PREFEITURA.

300 ANOS DE INVENÇÃO

A história dessa metrópole do Paraná, assim como a história em geral, não pode ser narrada a partir de interpretações facciosas oriundas de concepções elitistas, discriminatórias e racistas.

Os africanos aos serem trazidos à força para o nosso Estado trabalharam na mineração do ouro, na agricultura e na pecuária.

Foi essencialmente o trabalho do negro na produção pecuária que possibilitou ao Paraná lugar de destaque na economia brasileira durante o regime escravista.

Todavia, não são poucos os historiadores que procuram minimizar de forma sutil ou grosseira a importância do negro no processo de desenvolvimento do Paraná.

Utilizam como principais artifícios a suposta inexpressiva quantidade numérica de africanos nesse território, bem como, a chegada de imigrantes que teriam vindo em maior número e em pouco tempo teriam se tornado a principal força produtiva e ainda determinado o caráter europeu do Estado Paranaense.

Parece-nos desnecessário, quer seja pela evidência dos fatos, quer seja pela nossa lealdade à história, que nos detenhamos aqui à tarefa de enaltecer os imigrantes que desempenharam e desempenham papel importantíssimo na formação e no desenvolvimento de Curitiba e do Paraná.

Entretanto é preciso refletirmos sobre afirmações históricas de caráter tendenciosas e perguntarmos:

Como pode ter sido insignificante a quantidade de negros trazidos para cá se em 1780 havia 12.349 brancos no Paraná e

%.336 negros e mulatos? Se o Porto de Paranaguá mesmo na época da Lei Eusébio de Queirós (1850) foi um dos maiores centros de contrabando de escravos do Brasil ?

Por que os historiadores e seus asseclas deixaram de esclarecer o "não crescimento da população negra no Paraná" e a "precoce" mortalidade do mulato ?

Por que omitiram os maus tratos aos negros e as péssimas condições em que viviam ?

Por que atribuíram a libertação jurídica dos negros unicamente a uma pretensa benevolência dos senhores de escravos e o desempenho político dos abolicionistas omitindo as lutas de resistência travadas pelos negros contra o sistema escravista?

Resta-nos indagar ainda:

A secular e violenta repressão às práticas religiosas, culturais de origem africana não tem nenhuma ligação com o predomínio da cultura européia que ocupou o vácuo imposto pelo escravismo em nosso Estado?

Omitir e deturpar fatos não é prática recente das elites, que para assegurar seus interesses de classe e a supremacia ideológica pretendem se colocar acima da inteligência de quem quer que seja, ignorando o direito das pessoas de serem respeitadas e conhecerem o máximo possível da realidade histórica.

Não nos parece justo reconhecer como correta a posição das Ordenações Portuguesas de 1446, que consideravam como primeiro passo para a fundação oficial de uma Vila a eleição das autoridades que deveriam instalar a câmara e a justiça.

Curitiba já existia quando os índios habitavam essas terras. Foram os índios e os negros com a força do trabalho produtivo que fundaram nossa cidade.

Séculos de história nos mostram.

O que são as Câmaras senão espaço das elites? A que interesses servem as instituições que deveriam assegurar a justiça?

Para nós da raça negra, que somos o maior grupo étnico do Paraná - dois milhões e cinquenta e cinco mil - o resgate dessas questões no momento em que se comemora os "300 anos" de Curitiba é fundamental".

Mais uma vez os negros com sua música e sua dança tão perseguida, enriquecerão a cultura paranaense, homenageando Curitiba, desfilando na "avenida", garantindo o carnaval.

No passo e no compasso a presença dos nossos antepassados... Sempre!

Lúcia F. dos Santos
Colaboradora
Grupo Baluarte Negro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AQUINO, Rubens Santos de Leão. **História das Sociedades: das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais**, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Terras Negras: Inviabilidade expropriadora, in: **Terras e Territórios de Negros no Brasil**, Textos e Debates, UF-SC, Ano 1 - no 2- 1991.
- BANTON, Michael. **A Idéia de Raça**, Lisboa, Ed.70, 1977.
- BARCELLOS, Daisy Macedo de. **Espaço Branco, Beleza Negra: Relações raciais revisitadas**, ABA-SUL, 1993. (mimeografado).
- BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries**, Londres, George Allen & Unwin, 1969.
- BITTENCOURT JR, Iosvaldyr, A Esquina do Zaire: territorialidade negra urbana em Porto Alegre, in: LEITE, I.B. (Org.), **NEGROS NO SUL DO BRASIL**, Ilha de Santa Catarina, Letras Contemporâneas, 1996.
- BURGUÊS, Mestre. **O Estudo da Capoeira**, 5a. edição, Curitiba, Muzenza, 1987.
- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Movimentos Sociais na América Latina, in: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** n.3, São Paulo, Cortez, 1987.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Racismo na História do Brasil: mito e realidade**, São Paulo, Ática, 1994.

- CHAFF, Marisa Bundant. **A População da Vila de Curitiba Segundo as Listas Nominativas de Habitantes 1786-1799**, Curitiba, Dissertação de Mestrado - UF-Pr., 1974.
- COSTA, Maria Cecília Solheid da. A cor que não se vê e a cor que se tem: a criança preferencial na adoção em camadas médias. in: **Estudos Afro-asiáticos**, n.21, Rio de Janeiro CEAA, 1991.
- IDEM. El Violino que solo tocaba en polaco: del estigma a la reconstrucción de la identidad de los polacos en Paraná, in: **Estudios Migratorios Latino Americanos**, año 10, n.29, 1995.
- IDEM. Terra de Todas as Gentes - A reinvenção da diversidade étnica em Curitiba. in: **Revista da Academia Paranaense de Letras**, n. 35, Curitiba, 1996.
- COMAS, Juan. "Os mitos Raciais", in: **Raça e Ciência**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- COSTA, M.C.S. e FELDMAN-BIANCO, B. Etni(-)cidade, Projeto Integrado, CNPq, 1993.
- CUNHA, Manuela Carneiro da, **Negros e Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DAMASCENO, Caetana. Oxalá e Jesus: Identidade Étnica Negra e o Contexto Cristão, in: **Comunicações do ISER** n.21, Rio de Janeiro, ISER, 1986

- DaMATTA, Roberto. "O Carnaval como um Rito de Passagem",
in: **Ensaio de Antropologia Estrutural**, Petrópolis,
Vozes, 1973.
- IDEM. Digressão, A Fábula das Três Raças, ou o Problema
do Racismo à Brasileira, in: **Relativizando: Uma
Introdução à Antropologia Social** Rio de Janeiro, Rocco,
1987.
- IDEM. **Carnavais, Malandros e Heróis**, 5ª Edição, Rio de
Janeiro, Ed. Guanabara, 1990.
- DANTAS, Beatriz Gois. **Vovó Nagô e Papai Branco**: usos e
abusos da África no Brasil, Rio de Janeiro, Graal,
1988.
- DURKHEIM, Emile. **Sociologia**, Organizador José Albertino
Rodrigues, São Paulo, Ática, 1978.
- DURKHEIM E. et MAUSS, M. Algumas formas primitivas de
classificação, in: **Ensaio de Sociologia**, São Paulo,
Ed. Perspectiva, 1981.
- EPSTEIN, A.L. Ethos and Identity, -London, Tavistock, 1978.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Os portais da "cidade sem portas",
Projeto de Pesquisa, Curitiba, CNPq, 1993.
- FERNANDES, José Loureiro. Congadas Paranaenses, **Cadernos
de Folclore n. 19**, UF-Pr., 1987.
- FERRARINI, Sebastião. **A Escravidão Negra na Província do
Paraná**, Curitiba, Ed. Litero-técnico, 1971.
- FIGUEIREDO, Rubens e LAMOUNIER, Bolivar, **As Cidades Que Dão**

- Certo: experiências inovadoras na administração pública brasileira**, Brasília, MH Comunicações, 1996
- FRY, Peter. **Para Inglês Ver - Identidade e política na cultura brasileira**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- IDEM, Politicamente correto num lugar, incorreto noutra?
in: **Estudos Afro-asiáticos**, n.21, Rio de Janeiro, CEAA, 1991
- GLAZER, Nathan, et MOYNIHAN, Daniel P. Introduction in:
GLAZER, N. et MOYNIHAN, D.P. (eds). **Ethnicity. Theory and experience**. Mass. Harvard University Press, 1975.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**, Rio de Janeiro, ZAHAR, 1963.
- GOLDWASSER, Maria Júlia. **O Palácio do Samba**, Estudos Antropológicos da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- GRAFF, Marcia Elisa de Campos. **Imprensa Periódica e Escravidão no Paraná**, São Paulo, Tese de Doutorado, 1979.
- HASENBALG, Carlos Alfredo. **Desigualdades raciais no Brasil**, Rio Janeiro, Graal, 1979.
- HOBSBAWN, Eric. et RANGER, T. **A Invenção da Tradição**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- IANNI, Octávio. **Raças e Classes Sociais no Brasil**, ed. rev. e ampliada, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978.

- IDEM. **A Metamorfose do Escravo**. 2º ed. rev. e ampliada, Hucitec, São Paulo - Curitiba, 1988.
- JACOBI, Pedro. **Movimentos Sociais Urbanos no Brasil: Reflexão sobre a Literatura nos Anos 70 e 80**, in: **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais n.23**, Rio de Janeiro, Vertice, 1987.
- KLUGE, Maria Fernanda Maranhão. **"O Vêneto Não Pode Morrer": um estudo sobre restaurante, rituais e (re)construção da identidade italiana em Santa Felicidade** - Dissertação de Mestrado - UF - Pr. Curitiba, 1996.
- LARAIA, Roque de Barros. **Relações entre Negros e Brancos no Brasil**, in **"Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais n.1**, São Paulo, Cortez, 1986
- LEIRIS, Michel. **"Raça e Civilização"**, in: **Raça e Ciência**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Os Sentidos da Cor e as Impurezas do Nome**, Caderno de Ciências Sociais, vol 8, n.2. Florianópolis, U.F.S.C.,1988.
- IDEM. **Territórios de negros em área rural e urbana**, in: **Terras e territórios de negros no Brasil**, Textos e debates, UF-SC, Ano 1- n 2- 1991.
- IDEM. **Invisibilidade étnica e Identidade: negros em Santa**

- Catarina, in: **Encontros com a Antropologia I - Identidade, Imigração e Memória**. Curitiba, UF-Pr e SESC, 1993.
- LEVI-STRAUSS, Claude. "Raça e História", in: **Raça e Ciência**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- IDEM. **Antropologia Estrutural**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- IDEM. **O olhar Distanciado**, Lisboa, Edições 70, 1983.
- IDEM. **Mito e Significado**, Rio de Janeiro, Edições 70, 1978.
- LITTLE, Kenneth. "Raça e Sociedade", in: **Raça e Ciência**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- MAGGIE, Yvonne. "Florestan Fernandes e as categorias nativas", in: **Encontros com a Antropologia I: Identidade Imigração e Memória**, Curitiba, UF-Pr e SESC, 1993.
- IDEM. (Organizadora), **Catálogo - Centenário da Abolição**, Rio de Janeiro, ACEC, 1989.
- IDEM. **Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 75.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil Diferente**, São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 2ª Edição, 1989.
- MOREIRA, Sandra. **Memória Coletiva, Manipulação e o Portal Polonês de Curitiba**, Curitiba, UF-Pr, (mimeografado), 1995.

- NOGUEIRA, Oracy. **Tanto Preto Quanto Branco: Estudos de relações raciais**. São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1985.
- NUNES, Márcia Bandeira de Mello L. Movimentos Sociais Urbanos como Objeto de Estudos, in: **Anuário Antropológico 77**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- NUNES, Margarete Fagundes. **O Branco Africanizado: Identidade étnica em brancos frequentadores de casas de nação africana (batuque) na cidade de São Leopoldo - RS, ABA-SUL, 199**, (mimeografado).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de, **Identidade, Etnia e Estrutura Social**, São Paulo, Livraria Pioneiro, 1976.
- OLIVEIRA CASTRO, Andréia Carvalho Mendes. **Mito, Rito e a questão da Afinidade na Amazônia**, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, 1994.
- OLIVEN, Ruben George. "Identidade nacional e etnia: diversidade étnica no Rio Grande do Sul", in **Encontros com a Antropologia I: Identidade, Imigração e Memória**, UFPr e SESC, 1993.
- IDEM, A Invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul, in: LEITE, I.B. (Org.), **NEGROS NO SUL DO BRASIL**, Ilha de Santa Catarina, Letras Contemporâneas, 1996.
- PACHECO, Moema de Poli T. "A questão da Cor nas relações de um grupo de baixa renda". in: **Estudos Afro-asiáticos**, n.14, CEAA. 1987.

- PEREIRA , João Batista Borges. **Estudos Antropológicos e Sociológicos Sobre o Negro no Brasil**, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1981.
- IDEM, **Classe e Etnia no Brasil contemporâneo**, Reunião da ABA de 1989 - Mimeografado).
- RAMOS, Jair de Souza. **O Ponto da Mistura: Imigração e nação num debate da década de 20**, ABA-SUL, 1993, (mimeografado).
- REX, John, **Raça e Etnia**, Lisboa, Editorial Estampa, 1988.
- RUFINO, Joel. IPCN e Cacique de Ramos: dois exemplos de movimento negro na cidade do Rio, **in: Comunicações do ISER n.28**, Rio de Janeiro, ISER, 1988.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- IDEM. **Ilhas de História**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1990.
- SANCHES GARCIA, Fernanda E. **Curitiba, Imagem e Mito: reflexão a cerca da construção de uma imagem hegemônica**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 1993.
- SANTOS, Carlos Nelson F. Três movimentos sociais urbanos no Rio de Janeiro, **in: Religião e Sociedade, n. 2**, São Paulo, Hucitec, 1977.
- SANTOS, Marcelino dos. **Capoeira e mandingas**, Salvador, A Rasteira, 1991.

- SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil**, São Paulo, Ed. Scipione, 1994.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Preto e Branco: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- IDEM. **Pensando a "sua" raça: reflexões sobre a vigência das teorias raciais no Brasil de finais de século XIX**, ANPOCS, 1990 (mimeografado).
- SEYFERTH, Giralda. **Etnicidade e cidadania: Algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilização política**, in: **Boletim do Museu Nacional, Antropologia n.42**, Rio de Janeiro, 1983.
- IDEM. "A Estratégia do Branqueamento", in : **Ciência Hoje**, vol 5/ n. 25. Ano 1986.
- IDEM. **Considerações sobre a (re) construção de identidade étnicas**, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, (mimeografado), 1994.
- IDEM. **A Antropologia e a Teoria do Branqueamento da Raça no Brasil: a Tese de João Batista de Lacerda**, in: **Revista do Museu Paulista, Vol. XXX**, 1995.
- IDEM. **A Invenção da Raça e o Poder Discriminatório dos Estereótipos**, in: **Anuário Antropológico n.93**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995.
- SMITH, Anthony D. **The Ethnic Origins of Nations**, Oxford, Blackwell, 1986.

- TEODORO DA SILVA, Amaparo Rodriguez. **Os Espanhóis da Curitiba dos 300 Anos: Quem São Eles?**, Curitiba, UF-Pr, (mimeografado), 1995.
- VELHO, Gilberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O Conceito de Cultura e o Estudo de Sociedades Complexas, **in: Uma Perspectiva Antropológica**, Artefato, Rio de Janeiro 1987.
- VELHO, Gilberto. **O Desafio da Cidade** - novas perspectivas da antropologia brasileira, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.
- IDEM, **Individualismo e Cultura**, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2º edição, 1981.
- VOGT, Carlos e FRY, Peter. Os Mestres da "Língua Secreta" do Cafundó e o paradoxo do segredo revelado, **in: Boletim do Museu Nacional, Antropologia n 51**, Rio de Janeiro, 1985.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam, **História do Paraná**, Curitiba, Ed. Gráfica Vicentina, 7.ed., 1995.
- WESTPHALEN, C. M., BRASIL, P.M. e ALTIVA, P.B, Nota Prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno, **in: Boletim da Universidade Federal do Paraná**, Departamento de História, n.7 , Curitiba, 1968.